

Revista Safau

Volume 5 . Número 17 . Novembro / Dezembro de 2025

POESIAS - CONTOS - CRÔNICAS - ARTES VISUAIS



Eudismar Mendes

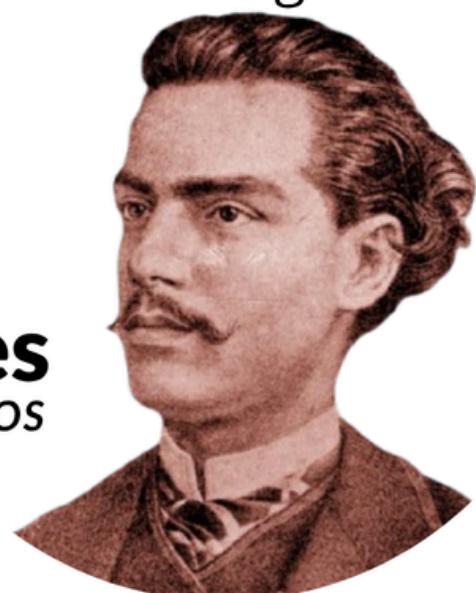


Ana Márcia Diógenes

ISSN: 2965-6192



Castro Alves
O POETA DOS ESCRAVOS



AUDIODESCRIÇÃO NOVEMBRO / DEZEMBRO 2025

Descrição da imagem: capa com fundo branco. Na parte superior, em destaque com letras pretas, "Revista Sarau"; abaixo, em letras pequenas e pretas: "Volume 5 – Número 17 – Novembro / Dezembro de 2025"; "POESIAS, CONTOS, CRÔNICAS, ARTES VISUAIS". Ao centro, as fotos coloridas das escritoras Eudismar Mendes e Ana Márcia Diógenes. Eudismar é uma mulher idosa, de pele clara, cabelos curtos, lisos e brancos. Usa óculos de grau, brincos com pérolas e sorri com batom vermelho. Veste uma blusa de mangas compridas com estampas pretas e brancas, sobre uma blusa na cor preta, com um colar longo de pérolas grandes e pequenas. Ao fundo, troncos de árvore na cor marrom e uma vegetação na cor verde-claro. À direita, Ana Márcia, é uma mulher madura, parda, cabelos curtos, lisos, castanhos claros e penteados para o lado direito. Usa óculos de grau com armação lilás, brincos com pérolas e sorri com batom vermelho. Veste uma blusa de mangas compridas na cor preta e usa um colar longo com fios coloridos em técnica de crochê. Ao fundo, uma parede na cor marrom com tijolos aparentes e a folhagem verde de uma planta. Abaixo, à esquerda, "ISSN 2965-6192" e o código de barras. À direita, O desenho em preto e branco, do perfil esquerdo do busto de "Castro Alves"; "O poeta dos Escravos". Castro Alves, homem jovem, com cabelos curtos e cacheados, olhos escuros e bigode longo.

POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.

Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:

- Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
- O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
- Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

CONTATO:

revistasarau2@gmail.com

Instagram: @revistasarau

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

EXPEDIENTE

Volume 5 – número 17 – nov. / dez. de 2025

Fortaleza – CE – Brasil

Publicação Bimestral

Distribuição Gratuita: On-line

EDITORES:

Nonato Nogueira

Débora Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES

Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:

Nonato Nogueira (Editor)

Afrânio Câmara (UERN)

Luciana Bessa (UFCA)

Gerson Augusto Jr. (UECE)

Carlos Gildemar Pontes (UFCG)

Elaine Meireles (Editorial)

Ivan Melo (Revisão geral)

COLUNISTAS:

José Roberto Morais

Néia Gava

Aluísio Cavalcante Jr.

Denilson Marques

Lucirene façanha

Elaine Meireles

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:

Elaine Meireles e Ivan Melo

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CAPA:

Reprodução da foto de Eudismar Mendes, Ana Márcia Diógenes e Castro Alves

AUDIODESCRIÇÃO:

Ana Paula Marques

SUMÁRIO

- 4 Editorial
- 5 Eudismar Mendes / Lucirene Façanha
- 8 Para Eudismar Mendes / Nice Arruda
- 9 Eu e o Assum Preto / Eudismar Mendes
- 10 Relambrando os escritos de Eudismar Mendes / Luiza Pontes
- 11 Uma trajetória na literatura / Ana Márcia Diógenes
- 15 A versatilidade de Ana Márcia Diógenes / Ana Paula Marques
- 16 O tempo e as palavras do poeta Costa Senna / Marcos Abreu
- 17 Arte Visual / Carlos Nascimento
- 18 O legado e a poesia abolicionista e romântica de Castro Alves: a voz do poeta que defendeu a liberdade e o amor / Élcio Cavalcante
- 20 Castro Alves: poesia, liberdade e consciência nacional / Denilson Marques dos Santos
- 21 Dois coqueiros e uma água de coco / Enrico Pierro
- 22 Escrever é para qualquer um / Denis Amaral
- 23 Versos abolicionistas / Néia Gava
- 24 Limiar do tempo / Gerson Augusto Jr.
- 27 Luís Gama, o apóstolo negro da abolição / Chico Fábio
- 29 Arte Visual / Amauri Flor
- 30 Uma réstia de luz / Maria Vandi
- 31 Explorando a identidade em imersão: uma análise crítica e reflexiva /Francisco Hélio da Silva
- 32 Por que Dubai? / Modismo e Alienação / José Gurgel
- 33 Temperos prosaicos / Simone Lacerda
- 35 Orgulho / Êxtasis / Sophia Jamali Soufi
- 36 Geraldo Vandré: 90 anos - a voz de resistência e símbolo da MPB / Aluísio Cavalcante Jr.
- 39 Círculos de briga / Orlando Amaro dos Santos
- 40 Clics do Sertão / José Roberto Morais
- 44 Entre multiversos e espelhos: uma travessia pessoal por mundos paralelos, de Machio Kaku / Francis Mesquita
- 45 Consequências de um adeus / Jasmine Gonçalves
- 46 Mosaico cultural / Elaine Meireles
- 47 O Sol / Gerlane Cavalcante
- 48 De fraternidade não tinha nada: uma análise do romance “Cacau” e os aspectos regionais na literatura / Elizaeth Jacira Barbosa
- 49 Soneto do encanto - Soneto do desencanto / Silvane Silveira Fernandes
- 50 Considerações sobre texto literário / Renata Barcellos
- 51 Írmãs / Rangel Flor
- 52 O buraco de dentro de Ana Márcia Diógenes / Pôr do Sol / Leide Freitas
- 53 Flor Amarela / Virgínia Pastore
- 54 Singelas alegrias / Ando aprendendo / Mariana Avelar
Desencontros / Insana / Nazaré Rocha Cosmo
- 55 Vozes da liberdade / Maria Patriolino
Passagem / Gabriel Gonçalves Falcão
- 56 Escolas / Tempo-espaco / Mirian Pina
Insanidade de um sonho / Renato Bruno
- 57 Literaturas contemporâneas: alguns aspectos / Renata Barcellos
- 59 A inteligência artificial (IA) na educação: o futuro já começou nas salas de aula brasileiras / Denilson Marques dos Santos

EDITORIAL

Estamos na reta final de 2025!

E como passou rápido o ano. Aliás, anualmente dizemos a mesma coisa, contentando-nos com algumas coisas boas que ocorreram nos meses corridos e nos lamentando de tantas outras. No entanto, para determinados acontecimentos que se foram, foi um alívio terem ficado no passado, pois já não existem mais. Todavia, se por vezes muitas lembranças ainda sangram em nossos corações, estas são amenizadas quando vivemos o momento presente.

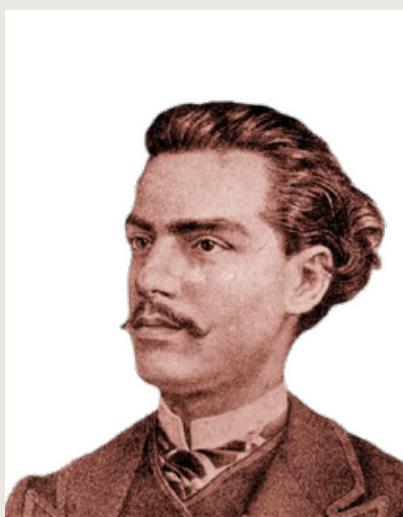
No mais, a vida nos convida ao corre-corre dos meses “B-R-O ... BRO”. Agita-se o comércio preparando-se para as promoções de Natal e Ano Novo. Inquietam-se os estudantes que anseiam pelas férias e outros tantos com o ENEM/Vestibular. Famílias planejam viagens, reformas na casa, reveem o orçamento para as despesas de início de ano (todas aquelas taxas que espremem nosso salário, deixando a certeza que sempre pagamos muito e enquanto outros pagam tão pouco), enquanto outros já estão com o 13º todo empenhado.

Enfim, todos querem se renovar, deixando no passado o que é passado e alimentando o desejo de lançar-se no futuro, revendo posicionamentos e empenhando-se com novos propósitos, em prol de seu próprio bem-estar e do bem-estar do planeta. É a Vida que nos convida a vivê-la!

Observamos, contudo, que existem pessoas que não necessitam de uma data precisa, um final de semana, o início do mês, ... o famoso “amanhã eu faço” para modificar a realidade ao seu redor e/ou dentro de si. São pessoas que contribuem, através de sua Arte de Escrever, com poemas, contos, crônicas, romances... criando um mundo ficcional que embala o mundo real, ajudando-nos a refletir e a modificar a sociedade em que se vive. É por isso que nesse último bimestre do ano, a Revista Sarau homenageia três escritores que concretizaram e continuam a realizar seus propósitos, contribuindo para a renovação da vida de leitores. São eles, Castro Alves (cuja alcunha de “Poeta dos Escravos” nos diz de sua luta pela abolição dos escravos), Eudismar Mendes (que nos presenteia com seus belos e reflexivos contos, crônicas, poemas) e Ana Marcia Diógenes (jornalista e articulista do Jornal O POVO, com participações em coletâneas e livros publicados).

Agradecemos a cada um que nos acompanhou ao longo desses seis bimestres, através das publicações de nossa Revista Sarau, e desejamos Boas Festas Natalinas e um 2026 repleto de renovações e realizações!

Boa Leitura!



EUDISMAR MENDES



Foto: Divulgação

EUDISMAR MENDES

Lucirene Façanha

Não caminha devagar e tem pressa,
Aprendeu que o tempo tem gosto.
Quer saborear logo.
Nos olhos, carrega lembranças dos Amores,
cheiros de bolo,
O som do rádio que escutava,
A curiosidade do que está por vir.
Seu rosto é um mapa,
As linhas são estradas que cruzou,
Na testa um susto de amor deixou uma Ruga,
Na bochecha, um sulco das perdas que passou,
No queixo, marca do silêncio que guardou.
Os movimentos são dançantes,
Da energia que emana.
Levanta a xícara com duas mãos,
não por medo deixá-la cair,
Por reverência ao café que aquece.
O barulho incomoda,
Prefere o ronronar dos gatos Chico e Pedrita ou
vento leve de uma lembrança tardia.
Sorri sozinha, às vezes,
Da valsa, que dançou descalça,
Sob a chuva que caía no quintal.
Há dias em que acorda cedo,
como quem espera a visita que não vem.
Em outros dorme um pouco mais, porque o corpo,
mesmo sábio, cansa de esperar.
Ela tem pressa.
De quem viu muito e quer viver muito mais.
O amor, a alegria, a gratidão,
está nos seus dias, no que escreve e cria.
No fundo do bolso do casaco,
Bem dobradinho,
Carrega um poema que nunca escreveu,
Mas viveu.

Eudismar Mendes é cearense, nasceu em Catuana, Caucaia Ceará. Uma infância tranquila, com pais e irmãos, muitos amigos e brincadeiras, vividos entre Catuana e Sítios Novos.

Na escola, com 11 anos, participou de um concurso para Revista O Sesinho, com o conto Os Coquinhos. Como prêmio, uma biografia de Rui Barbosa. Na igreja local era a única que sabia responder em latim. Como professora no Instituto de Educação do Ceará, publicou o Livro no Sertão. Produziu muitas poesias nesse tempo, mas nada ficou arquivado.

Com o ingresso no Projeto de Criação Literária do Sesc, publicou seu primeiro livro Sangue sobre o asfalto, 2004, cujo tema é uma fantasia com realidade que se misturam, mesclando o amor, traição, ciúme, na personificação do universo felino. Máscaras da face veio em 2007, não é um volume temático é uma variedade: o caos, a desordem, o amor, a nostalgia, a loucura, o erotismo, a depressão, a ironia, a luxúria. Avó de cães mestiços, em 2011, ganhou o Prêmio Milton Dias de Crônicas pela SECULT. Das lembranças da infância aos acontecimentos cotidianos, em cada crônica declara o amor pela literatura e a liberdade que a escrita traz. Conchita e outras memórias foi publicado em 2013, traz vários mundos da fantasia, da realidade, da memória, do amor, da imaginação e do passado. Em 2015 publicou O Fantástico voo do pássaro pintor que é uma história para encantar crianças cheia de magia e fantasia. Fez-se dezembro em nós, compartilhado com as escritoras Lucirene Façanha, Núbia brilhante, Eugênia Carrah e Nice Arruda tem uma diversidade de gêneros: crônicas, contos, poesias, cartas, foi publicada em 2018. O lançamento deste livro foi o maior público presente na Casa de Juvenal Galeno.

Em 2022, veio sua última publicação, *Espelhos Desnudos*, onde a liberdade de suas criações é de uma criatividade como se portasse ágeis asas sobre os pés. Mesclada de densidade e leveza, suas palavras mostram ou claro do vidro, ou o fundo do poço, porque a vida se vive mesmo é vivendo. O cotidiano é decifrado com a realidade necessária para a captar o leitor; seu modo narrativo, enfatiza a visualização de cenas e imagens que despertam emoções onde as dobras dos acontecimentos vão se sobrepor; o prazer de ler as anedotas, as experiências e imaginações que perpetuam sabedoria das mentes sonhadoras que sentirão um bombardeio de sentimentos a cada virada de página. O texto inteligente reconta reminiscências, porque a infância, o passado, não se apagou e a cada lembrança Eudismar Mendes faz homenagens a trajetórias dores ou alegrias, amigos e vivências.

Participa hoje dos Grupos Literários Conversa, CPLI e ACE. Gosta muito de participar às terças-feiras com Vicente Alencar declamar suas poesias e de grandes autores, todas de cor.

Prêmios e Homenagens:

Além do Prêmio Milton Dias de Crônicas, recebido da SECULT quando da publicação da obra *Avó de cães mestiços*, foi destaque em várias vezes no Prêmio Ideal Clube, menção honrosa no Prêmio de Literatura UNIFOR, em 2009, menção honrosa no Papo Literário TVC, por declamação.

Tem recebido ao longo do tempo inúmeras homenagens dos colegas de grupos e escritores no geral. Recebeu homenagem do grupo CPLI, que a deixou muito vaidosa. No Grupo Conversa foi eleita a patronesse, recebeu das academias, algumas vezes, o Título de Honra ao Mérito; foi com decorada pela ACE em 2024, recebendo o Diploma de Sócia Benemérita, assim como instituído o Concurso Literário Eudismar Mendes. Eximia dançarina. Ganhou alguns concursos no SESC. Fez teatro, filmes, grande costureira, artesã e cozinheira de mão cheia.

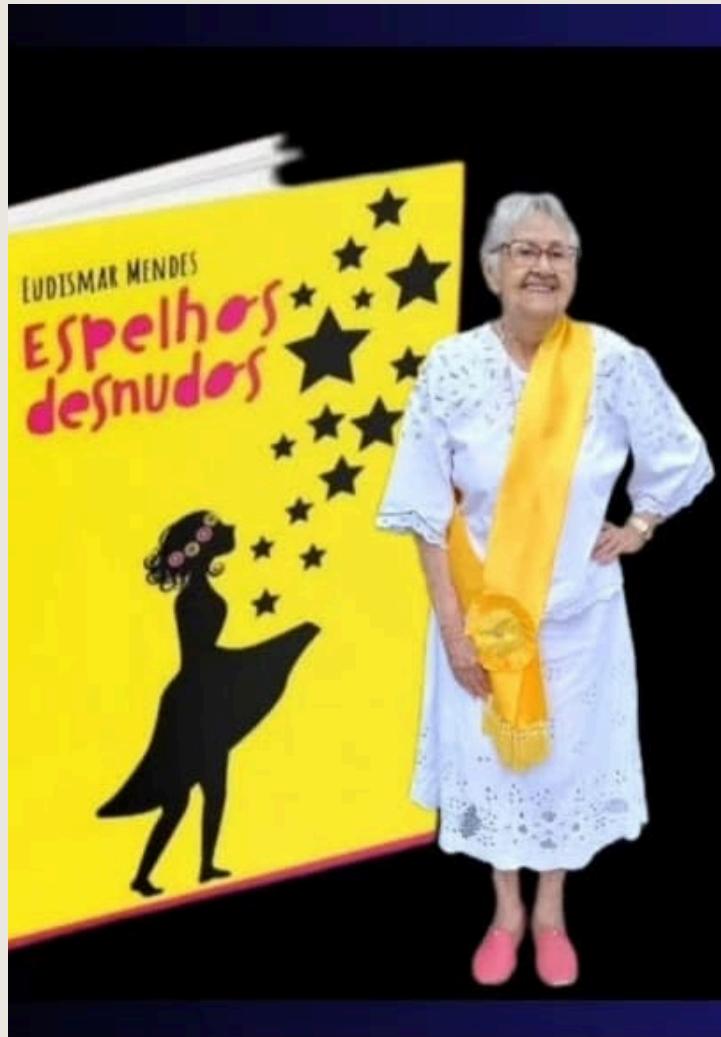


Foto: Divulgação



Lucirene Façanha se fez escritora nos Projetos do Sesc, embora escrevesse desde criança. Pilhas e pilhas de cadernos e diários amarelados do saber apenas de sua mãe. Graduada em História com especializações em ensino. Tem dois contos longos em e-book na Amazon, *O Elo e Silêncio sobre algodão*. Livros físicos *O homem na janela*, *Hecatombe*, *Pedro e a noite de São João*. Foi premiada nos concursos Ideal e IFPB. Coorganizadora da coletânea *Mulheres, Velas e Poesia*. Participa de inúmeras antologias e coletâneas. Integra vários coletivos e grupos de leitura.

PARA EUDISMAR MENDES

Nice Arruda

Conheci Eudismar Mendes há doze anos no Grupo Abraço Literário do SESC Fortaleza e logo nos tornamos grandes amigas. Ela me acolheu com seu sorriso e me impressionou com a sua presença: uma mulher muito elegante, inteligente, bonita, alta, gentil, que falava com eloquência. Sempre foi um exemplo para todas nós, suas amigas.

Para ela, não tem tempo ruim. Está sempre de bem com a vida, com resiliência e força de vontade.

Gosto muito dos seus escritos, sejam eles crônicas, contos ou poesias. Tem muitos livros publicados e digo com orgulho que já li todos. Como moramos próximas uma da outra, sempre saímos juntas para os eventos literários ou outros passeios. É sempre uma ótima companhia. Muito divertida e amiga de todas as horas.

Com sua experiência de vida, sempre nos enriquece com conselhos e até puxões de orelha quando necessários. O meu livro, *Os dias que tive*, dediquei a Eudismar, que me cativa com sua amizade, gentileza e amor à vida.

Querida Eudismar, nossa escritora, nossa dama da Literatura Cearense, você merece nosso carinho, respeito e homenagens.

Grande abraço, de sua amiga Nice Arruda.



Nice Arruda é cearense de Icó. Reside em Fortaleza desde os anos 1970. Dedica-se à literatura desde 2012, quando publicou o livro *Quase tudo de mim*. Mais tarde, escreveu *Madrugada de gentilezas* (2016), *Fez-se dezembro em nós – coautoria* (2018), *Joca, o artista da fazenda* (2018) e *Os Dias Que Tive* (2024). É membro da ACE e da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno



E Teatro de Expressões

O Teatro de Expressões é resultado de um estudo permanente, iniciado em março de 1992. Em março de 1992, chego na Casa de Nazaré, um abrigo para idosos no Montese, em Fortaleza, para ministrar a Oficina Introdução à Interpretação Teatral - Teatro de Expressões. A oficina inicialmente prevista para um mês de atividade, resultou em um estudo de três anos e três meses.



Foto: Divulgação

Jair Freitas é ator, diretor, dramaturgo, professor, produtor cultural, poeta, criador do Teatro de Expressões, e do Sarau Teatro de Expressões; membro da Academia Cearense de Teatro - ACT, e do Clube dos Poetas Cearenses.

1990 a 1993, Poemas e Cordéis
Adaptação, produção, direção e interpretação:
Jair Freitas
Grupo Mei da Rua

EU E O ASSUM PRETO

Eudismar Mendes

A história do Assum Preto
 É fácil de ser contada
 Trata-se da vida de um pássaro
 Que vivia de cantar
 Mas acabou triste e sozinho
 Nos fundos de um pomar

O Assum Preto doutor
 É pássaro do sertão
 Um desalmado o cegou
 E Humberto fez a canção
 Sua história colocou
 Na música deu emoção

Os detalhes falam que o pássaro
 Tinha preguiça de cantar
 Mas o dono a todo custo
 Queria se alegrar
 Foi aí que teve a ideia
 De o pássaro os “óios” furar

E na versão de Humberto
 A “mardade” funcionou,
 Pois Assum Preto tornou-se
 Solitário e triste cantor
 Mas o gorjeio de seu canto
 Não era mais que sua dor

Assum Preto num paralelo
 Entre minh’alma e a sua
 Mesmo cantando com tristeza
 Sua festa continua
 Não sou triste com certeza,
 Pois vivo olhando pra lua

Pra terminar os meus versos
 Quero parodiar o tempo ido
 Naqueles versos do autor
 Que falam do amor perdido
 Eu também perdi o meu
 E gente foi bem doído!

Eudismar Mendes, natural de Caucaia, graduada em Letras. Exerceu a profissão de professora por vários anos, hoje já aposentada. Pertence a Associação Cearense dos Escritores – ACE, Grupo de Criação Literária, Conversa de leitura e CPLI (Clube ponto de leitura Itinerante). Publicou: Sangue sobre Asfalto; Máscaras da face; Conchita e outras memórias; O Fantástico Voo do Pássaro Pintor; Fez-se dezembro em nós (este compartilhado), por último Espelhos Desnudos. Prêmio Milton Dias de Crônica – 2010 – da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com a obra – Avó de cães mestiços; Destaque em: XIII Prêmio Estadual Ideal Clube de Literatura; Prêmio de literatura UNIFOR 2009; XIX Prêmio Estadual Ideal Clube de Literatura.



Em 1969, foi fundado em Fortaleza o Clube dos Poetas Cearenses – agremiação de jovens que se reuniam aos sábados. Foi ali que diversos jovens – com talento para as letras – iniciaram, e hoje figuram na lista dos principais autores da literatura cearense. Dentre os jovens idealistas que frequentavam a Casa, destacaram-se – Carneiro Portela, Márcio Catunda, Vicente Freitas, Guaracy Rodrigues, Mário Gomes, Stênio Freitas, Ivonildo Oliveira, Aluísio Gurgel do Amaral Júnior, Costa Senna, Zelito Magalhães, Carlos Gildemar Pontes entre outros. A escritora Nenzinha Galeno, neta do ilustre poeta Juvenal Galeno, foi uma das maiores incentivadoras desse movimento sociocultural.

No dia 25 de janeiro de 2025, às 14h na Casa de Juvenal Galeno, o Clube dos Poetas Cearenses, como uma fênix, renasceu.



RELEMBRANDO OS ESCRITOS DE EUDISMAR MENDES

Luiza Pontes

Adentro a minha escrivaninha e ao sentar-me, na prateleira da estante de Literatura Cearense, deparo-me com livros de pessoas queridas e conhecidas. Busco destacar o livro *Espelhos Desnudos*, de Eudismar Mendes. Relembro o lançamento de seu livro, na BECE – Biblioteca Estadual do Ceará, seu carisma e simpatia ao recepcionar amigos e familiares numa noite festiva com o apoio do Clube de Leitura Conversa.

Faço um paralelo no início do livro, vou até a folha dedicada ao leitor, em que a escritora declara que durante o período da “pandemia” ficou sem aptidão literária para escrever, tinha rabiscado alguns escritos e colocado numa gaveta, mas, com o tempo, tomou gosto e decidiu publicar seu sexto livro, para nossa alegria, oportunizando que a autora vivencie seu sonho de escrever e de publicar livros.

Eudismar é uma ótima contadora de histórias com uma memória peculiar, trazendo relatos de sua infância, família, amigos, histórias que tomou conhecimento, algumas histórias fantásticas e outras bem reais. Suas narrativas nos encantam entre alegrias ou dores decorrentes de situações que vivenciou e do que pode acompanhar de pessoas amigas, num universo bem diversificado. Uma senhora elegante, sutil, que traz seus vários espelhos de memórias, desnudando-os em seus escritos, dando a impressão de que ela fala aos nossos ouvidos.

Em seus contos, com títulos interessantes e engraçados, pontuando seu universo rico de detalhes, Eudismar é uma ótima observadora, e porque não dizer uma grande contadora de histórias. Destaco o texto “Como sou”, onde revela que tem uma “força estranha” que impulsiona sua necessidade de escrever, fazendo com que na maioria das vezes consiga levitar nos campos magnéticos de seu intelecto.

Há um parágrafo deste escrito que me chama atenção, em que ela se autodefine como: “(...) sou uma eterna curiosa e aumento meus conhecimentos aprendendo com as pessoas, mas também com os próprios erros.” (Mendes, 2022, p. 64). Ela se desnuda para o leitor, fala até de seus medos como passar embaixo de uma escada ou mesmo de um gato preto, mesmo que tenha herdado de sua mãe. No entanto, tem uma revelação que me chama atenção, quando ela confessa que gosta de sair dela mesma e se sentir outra pessoa; seus eternos momentos de silêncios criando contextos e situações que a torna uma escritora sensível e observadora.

Relembro um momento que estivemos juntas, na última Bienal Internacional do Livro, em Fortaleza, onde tomamos café, ela saboreando seus sanduíches de frango, e, depois, ficamos no Guichê de Conversa, momento em que percebi a sua maestria em atrair a atenção das pessoas ao divulgar seus escritos. Ah, claro, não posso esquecer suas eternas e deliciosas cocadinhas feitas com maestria e dedicação.



Luiza Pontes - Contista, poeta, autora da Literatura Infanto Juvenil, atriz, performance, diretora teatral, pesquisadora e professora do Ensino Médio. Fez parte de várias antologias pela Academia da Incerteza, Resistência Mandacaru, pela Revista Sarau. Em 2024, fez sua primeira publicação pela Editora Karuá: “Uma Galinha chamada Teresa” e depois, “As Aventuras de Laurinha com a lagartixa” pela Editora Caneca. Faz parte dos seguintes grupos literários: Academia da Incerteza, AABLA, Clube de Leitura Conversa, Lamparinas - Coletivo de Literatura Infantil e Infantojuvenil e Clube dos Poetas Cearenses.

UMA TRAJETÓRIA NA LITERATURA QUE COMEÇOU PELA DOR E POR UMA BOA IDEIA



Foto: Divulgação

Foi marcante perceber, anos atrás, como a forma que meus pais lidaram com a menina que fui – apavorada só em ver uma injeção – influenciou quem sou. Tanto na escolha da profissão de jornalista, graduada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), como na trajetória de escritora com nove publicações, entre infantil, juvenil, poesia, romance e conto.

Aos sete anos, ainda sem largar a mamadeira e escondida atrás da porta, eu chorava antes e depois do enfermeiro cumprir a difícil missão de injetar os antibióticos. Meus pais haviam tentado de tudo até que encontraram uma ideia para devolver a tranquilidade à nossa casa, em Quixadá, Sertão Central do Ceará: me presenteavam com um conjunto de livro e disco com histórias infantis a cada temporada de garganta inflamada.

ANA MÁRCIA DIÓGENES



Foto: Divulgação

O medo foi sendo absorvido pelo tempo, mas o interesse pelos livros já estava sedimentado no cotidiano. Da leitura infantil para os livros de aventura adolescente e, em seguida, aos paradidáticos, foi um caminho prazeroso. Enquanto alguns colegas reclamavam da quantidade de livros prescritos, inclusive nas férias, eu me deliciava em descobrir mais obras daqueles mesmos autores.

Ao entrar na universidade, aos 17 anos, e no mundo do trabalho jornalístico um ano depois, mudei o foco da leitura para publicações técnicas. Mergulhei no que era produzido pelos meios de comunicação, tanto por teóricos como por ícones do jornalismo brasileiro e mundial.



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

Um caderno de possibilidades

Meu batismo oficial na literatura aconteceu na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará, em 2017, ocasião em que lancei “De esfulepante a felicitante, uma questão de gentileza”. O livro juvenil integrava o projeto Eu sou Cidadão, amigos da leitura, que tinha, entre os parceiros, a Associação para o Desenvolvimento dos Municípios do Ceará (APDMCE), Fundação Demócrata e Governo do Ceará.

Meu livro foi para as mãos de cerca de seis mil estudantes de escolas públicas. Virou peça de teatro, tema de desfile de 7 de setembro em vários municípios e ganhou uma edição comercial pela Editora Dummar. Para que estes momentos pudessem acontecer, fiz mudanças na vida para conseguir voltar a ter em meu cotidiano um tempo maior para a leitura e a escrita.

Em 2022, durante mentoria online com a escritora Mell Renault, ela comentou o quanto meu texto, mesmo em prosa, navegava pela poesia. Na conversa acabei lembrando de um antigo caderno, que eu guardava numa caixa de objetos que simbolizam meus tesouros ao longo da vida. Lá, em páginas enfeitadas por personagens de história em quadrinhos, estavam poemas, contos e devaneios escritos a partir dos meus 12 anos.

Naquele meu caderno estavam as possibilidades de texto da menina que foi “engrossando o couro” para aguentar injeções sem chorar, desbravando histórias nos livros e na vida. Quase não lembrava mais dele. Mas foi justamente o que estava escrito ali que despertou a vontade de seguir escrevendo, contando, poemando, criando. A literatura, para mim, é o próprio caminho, redescoberto, de seguir adiante.

Uma caminhada com os livros

Passei a estudar, ler e escrever diariamente. Nunca menos de duas a três horas por dia, de segunda a domingo. Do livro juvenil em 2017 para o início do segundo semestre de 2025, quando escrevo este artigo para a revista Sarau, a convite do querido Nonato, somo nove publicações na minha trajetória de escritora.

Em 2022, escrevi “Pérfuro-matante”, sobre violência doméstica e, em 2023, “Reze que meus pés não apontem para você”. Estes dois contos longos foram inseridos como e-books na Amazon. E, a pedido de quem não gosta da leitura nas telas, passei a imprimir os contos e costurá-los artesanalmente.

Animada com a proposta de livros costurados, que aprendi em uma oficina com a escritora Yara Fers e o designer Thiago Gatti (eles posteriormente criaram a editora Arpillera), lancei em 2023 um pequeno livro costurado, misturando poemas e contos curtos, que havia escrito no ano anterior: “Poesia e contos pequetitos”.

Os estudos literários me levaram ao aprofundamento na poesia e, embalada na proposta do poeta Manoel de Barros, do lirismo das coisas simples, enviei o livro de poesia “Rosa dos ventos” para concorrer a um edital da recém-criada editora Minimalismos, de São Paulo. O texto foi aprovado, e o livro teve lançamento no Passeio Público, de Fortaleza, e na Festa Literária Internacional de Paraty - Flip, em 2023.

“Onde voejo mais alcance
descortino o véu das projeções
lanço todas as asas de sonho
[soltá a corda, voa pensamento],
(Rosa dos ventos, 2023)

Em 2024, logo em janeiro, lancei de forma independente um jogo poético, com pinos e dado: o “Tabuleiro de poemas”. Nele, ganha o jogador que chegar por último, por ter lido mais micro poemas. No final do primeiro semestre publiquei o infantil “Entrou injeção, saiu o quê?”. Foi com este livro que lancei o selo editorial Quichaitá, para dar vazão à minha produção independente. É um dos nomes em Tupi de Quixadá, onde nasci.



Foto: Divulgação

No segundo semestre de 2024, foi a vez do meu primeiro romance, “Buraco de dentro”, pela editora Patuá, de São Paulo. O livro, de 196 páginas, foi lançado em Fortaleza e também na Flip. O romance, resultado de nove anos de entrevistas e pesquisas, é a representação da realidade das invisibilidades que compõem cenários das grandes cidades. Traz a quebra dos limites humanos que leva um homem, a mulher e três crianças a viverem dias num bueiro tentando sobreviver à fome, sede, ratos e baratas.

“Dento de mim crescia uma ideia ruim, muito ruim, de que nós era uns enterrado vivo. Só que sem a terra por cima, como no cemitério”. (frase do personagem Vítor, de Buraco de dentro, 2024)

A publicação mais recente, de 2025, é o poema narrativo ilustrado “Caso porque te amo, mato porque me amo”, também pelo Selo Quichaitá. É inspirado em reportagens de mulheres que tiveram que escolher entre morrer por amor ou continuarem vivas. Elas ficaram conhecidas como aranhas negras porque esse aracnídeo se alimenta do macho que morre após o acasalamento. As ilustrações são de Valdir Marte, e o projeto editorial é de Gil Dicelli.

Não há pior dor do que não amar
Não há dor pior do que não ser amada
Não há tristeza maior do que perder desejo
Não há maior tristeza do que não ser desejada (personagem em Caso porque te amo, mato porque me amo, 2025)

Ao longo desses anos, tenho participado de várias coletâneas e publicado em revistas literárias, a exemplo de Contos de Samsara, Cassandra, Minha voz cultural e Desvario. Outro fluxo que tenho seguido é o fortalecimento de quem escreve. Neste sentido, integro os coletivos Escrevientes e Mulherio das Letras, e participei, durante dois anos, do Lamparinas.

Estar próxima dos leitores, leitoras, escritores e escritoras é um prazer e uma necessidade: é neste mundo das palavras e das histórias que me sinto inteira. E são inúmeros os eventos literários de que tenho participado, como as bienais do livro do Ceará, a Festa Literária Internacional de Paraty, Festival de Literatura do RioMar, Mostra Ceará Turismo e Cultura, no Iguatemi, Clube das Musas, a Feira Literária de Aracati, Encontro de Escritores Cearenses em São Gonçalo, saraus na Empresa Cearense de Turismo (Emcetur), na Associação dos Docentes da UFC (ADUFC), dentre outros.

Escrever tem trazido alegrias no contato com os leitores, tanto presencialmente como nas redes sociais. No paralelo, o reconhecimento também tem vindo de prêmios, como o do Ideal Clube, em que ganhei menção honrosa em 2023 e fui destaque em 2024.

Quando me perguntam sobre minha caminhada na literatura, sempre digo que todos os passos que dei no Jornalismo e as funções que desempenhei como gestora me fizeram ser uma escritora atenta às questões humanas, me prepararam para chegar até aqui e para planejar o futuro a partir das histórias que quero contar.



Foto: Divulgação

Ana Márcia Diógenes é escritora e jornalista, graduada em Jornalismo pela UFC (1985); especialista em Responsabilidade Social (Estácio/IEL, 2004), Psicologia Positiva (PUCRS, 2021) e Literatura, Artes e Filosofia (PUCRS, 2024); e mestra em Políticas Públicas (UECE, 2012).

No jornalismo, foi repórter de Cidades, Economia, Política, Cultura, Polícia e Interior no jornal O Povo, onde também, além de outras funções, foi a primeira mulher a atuar como Diretora de Redação. Na TV Manchete foi Diretora Regional.

Atuou em gestão, como Secretaria Adjunta da Cultura do Ceará (2013/2014); Assessora Institucional da Rede Cuca (2016/2018); e na coordenação do UNICEF para Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte (2001 a 2013). De 2014 a 2021 realizou um grande desejo: ser professora de Jornalismo. Em 2018 ganhou o Prêmio RioMar Mulher, na categoria Comunicação.

Atualmente é consultora internacional em comunicação, tendo desenvolvido atividades em Cabo Verde nas áreas de comunicação e violência sexual contra crianças e adolescentes. Integra a Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas do Ceará e é articulista da plataforma O Povo Mais, onde escreve sobre comportamento.

A VERSATILIDADE DE ANA MÁRCIA DIÓGENES

Ana Paula Marques

Ana Márcia Diógenes Paiva Lima nasceu em Quixadá-CE. É escritora, jornalista e professora. Quanto à formação acadêmica, é graduada em Comunicação Social (UFC), especialista em Responsabilidade Social (FIC) e em Psicologia Positiva (PUCRS), além de mestra em Planejamento e Políticas Públicas (UECE).

Trabalhou como editora de política, repórter, secretária e diretora de redação no Jornal O Povo. Atuou também como repórter da TV Cidade, chefe de reportagem da TV Jangadeiro e diretora regional da antiga TV Manchete. Ana Márcia foi professora da graduação (UNI7) e da pós-graduação (Estácio, FAC, UNI7 e UNIFOR). Como editora, contribuiu de maneira significativa para a cobertura de temas da infância e da adolescência, na qual ganhou o Prêmio Ayrton Senna (2000).

A autora tem as seguintes publicações: "De esfulepante a felicitante, uma questão de gentileza" (2017); "Pérfuro-Matante" (2022); "Poesia e contos pequetitos" (2022); "Reze que meus pés não apontem para você" (2023); "Rosa dos Ventos" (2023); "Tabuleiro de poemas", "Entrou injeção, saiu o quê?" e "Buraco de dentro", em 2024. Ademais, a sua nona publicação foi "Caso porque te amo, mato porque me amo" (2025), lançada no II Gallery Center Day e na XV Bienal Internacional do Livro do Ceará. Escreve em revistas literárias e participa dos Coletivos Escrevientes, Mulherio das Letras e Lamparinas. Também é uma das organizadoras da coletânea "Fortaleza Escrita na Praça".

Ana Márcia tem uma dinâmica carreira, na qual enaltece a sua versatilidade com a abordagem de temas sociais e urbanos, a literatura juvenil e a consultoria em comunicação, tornando a cada dia mais relevante a produção cultural e literária cearense.

Ana Paula Marques é poetisa e audiodescritora da Revista Sarau. Membro da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA), do grupo de poetisas Mulheres Poesis, do Clube de Amassadores e do Clube dos Poetas Cearenses. Escritora participante do livro Educação em Revista, das antologias A Felicidade Pós-Moderna, Poetas Nordestinos Vol.1, Vida em Poesia, Novos Poetas do Ceará e da Coletânea: Pão de Letras na Terra da Luz e da. Publicação da poesia "Paratletas" na Revista Pontinhos do Concurso Literário, realizado em julho (2024) pela I Feira Literária Inclusiva do Instituto Benjamin Constant (IBC). Conquistou o 2º lugar - 2024, o 1º lugar - 2023 e o 4º lugar - 2022 no Concurso de Microconto da União Brasileira de Trovadores (UBT) e da Academia de Letras Juvenil Galeno (ALJUG).

O TEMPO E AS PALAVRAS DO POETA COSTA SENA

Marcos Abreu

Há homens que passam pela vida como passageiros apressados, deixando atrás de si apenas o rastro do esquecimento. Outros, no entanto, imprimem no tempo uma marca tão forte que a memória se curva diante deles.

Assim é Costa Sena, o poeta que faz da palavra, uma pátria e da poesia, um abrigo. Em seus poemas, cabem as dores e alegrias de um povo, o cheiro da terra molhada, a coragem de quem sonha em meio as tempestades.

Sua obra não é apenas um exercício de linguagem: É um testemunho. Testemunho de um homem, que observou a vida com olhos de esperança, mesmo quando as sombras se alongavam. Poeta e cordelista do quotidiano, Costa Sena não se contentou com o trivial. Buscou o essencial, o que permanece quando tudo o mais se desfaz.

Quem lê suas linhas percebe que nelas pulsa um coração inquieto, apaixonado pelo humano, pela beleza simples das coisas. Cada verso parece carregar a luz do Ceará e a força dos que acreditam no amanhã.

Por isso, falar de Costa Sena é falar da própria poesia – essa arte teimosa que insiste em florescer mesmo no chão árido da existência. Hoje seus escritos continuam ecoando como uma canção suave que atravessa os anos e encontra abrigo na alma de quem lê porque, no fundo, Costa Sena sempre soube que escrever é mais do que um gesto, é um destino. E o destino dele foi eternizar em versos e grandeza das pequenas coisas e a eternidade da vida.

Marcos Abreu - Poeta, Escritor, Declamador de Poesias, interprete do cancioneiro em MPB e outros gêneros; cronista, contista, romancista. Nascido em Fortaleza-Ceará é autor das seguintes obras: "Poesias de um Poeta Louco" (1995), " Nas Teias da Poesia" (1997)-Editora Pasárgada – Pernambuco – Recife. "Retalhos Poéticos", Poesia Livro-2000 Cordéis Publicados: " A Revolução Humana" publicado pela Fraternidade

O TEMPO E AS PALAVRAS DO POETA COSTA SENNA

Marcos Abreu

Há homens que passam pela vida como passageiros apressados, deixando atrás de si apenas o rastro do esquecimento. Outros, no entanto, imprimem no tempo uma marca tão forte que a memória se curva diante deles.

Assim é Costa Senna, o poeta que faz da palavra, uma pátria e da poesia, um abrigo. Em seus poemas, cabem as dores e alegrias de um povo, o cheiro da terra molhada, a coragem de quem sonha em meio as tempestades.

Sua obra não é apenas um exercício de linguagem: É um testemunho. Testemunho de um homem, que observou a vida com olhos de esperança, mesmo quando as sombras se alongavam. Poeta e cordelista do quotidiano, Costa Senna não se contentou com o trivial. Buscou o essencial, o que permanece quando tudo o mais se desfaz.

Quem lê suas linhas percebe que nelas pulsa um coração inquieto, apaixonado pelo humano, pela beleza simples das coisas. Cada verso parece carregar a luz do Ceará e a força dos que acreditam no amanhã.

Por isso, falar de Costa Senna é falar da própria poesia – essa arte teimosa que insiste em florescer mesmo no chão árido da existência. Hoje seus escritos continuam ecoando como uma canção suave que atravessa os anos e encontra abrigo na alma de quem lê porque, no fundo, Costa Senna sempre soube que escrever é mais do que um gesto, é um destino. E o destino dele foi eternizar em versos e grandeza das pequenas coisas e a eternidade da vida.

Marcos Abreu - Poeta, Escritor, Declamador de Poesias, interprete do cancionista em MPB e outros gêneros; cronista, contista, romancista. Nascido em Fortaleza-Ceará é autor das seguintes obras: "Poesias de um Poeta Louco" (1995), " Nas Teias da Poesia" (1997)-Editora Pasárgada – Pernambuco – Recife. "Retalhos Poéticos", Poesia Livro-2000 Cordéis Publicados: " A Revolução Humana" publicado pela Fraternidade



Poeta Costa Senna.
Foto: Arquivo pessoal

**“Leio livro em minha cama,
em ônibus, metrô ou trem,
em navio ou avião,
ou mesmo esperando alguém.**

**Leio para o povo ouvir.
Leio para transmitir
a riqueza que ele tem.”**

Costa Senna



Foto:Divulgação

ARTE VISUAL



CARLOS NASCIMENTO – É cearense (Amontada), graduado em Pedagogia (UECE) e Planejamento da Educação (UNIVERSO-RJ). Professor, poeta, escritor, artista visual e compositor. Publicou *Tutti-Frutti* (Uma salada literária), textos diversos e *Coquetel Molotov* (Poemas). Tem poemas, contos e crônicas publicados em livros, revistas, jornais e mídias digitais. Publicado em mais de 20 Coletâneas e Antologias. É detentor de vários prêmios literários em verso e prosa. Possui ainda prêmios em música e publicidade.



O LEGADO E A POESIA ABOLICIONISTA E ROMÂNTICA DE CASTRO ALVES: A VOZ DO POETA QUE DEFENDEU A LIBERDADE E O AMOR

Élcio Cavalcante

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, na Bahia, em 14 de março de 1847 e faleceu jovem em Salvador, no dia 6 de julho de 1871, precocemente, aos 24 anos de idade, tuberculoso.

Castro Alves foi poeta, dramaturgo e advogado e se destacou no cenário literário do século XIX. Ele é considerado um dos mais importantes representantes da terceira geração do romantismo no Brasil, especialmente por sua sensibilidade ao abordar temas sociais e emocionais. Ficou conhecido por seus poemas abolicionistas, o que lhe rendeu a alcunha de "poeta dos escravos".

Uma de suas obras mais conhecidas é "O Navio Negreiro", em que ele denuncia a escravidão e a desumanização dos africanos trazidos ao Brasil. A poesia reflete sua indignação e compaixão, usando uma linguagem rica e intensa para transmitir sua mensagem. A forma como ele descreve o sofrimento dos escravizados é profundamente tocante, e suas palavras ressoam até hoje indelével em nossas memórias revolucionárias.

Além do seu ativismo social, Castro Alves também é famoso por suas poesias de amor. Ele expressa sentimentos profundos e apaixonados, explorando a beleza e a dor do amor. Em poemas como "Se Eu Morresse Amanhã", ele captura a fragilidade das relações e a intensidade dos sentimentos humanos.

A dualidade entre seu ativismo abolicionista e suas poesias românticas mostra um artista completo, que se preocupava tanto com a justiça social quanto com as emoções humanas. Castro Alves deixou um legado duradouro na literatura brasileira, inspirando gerações a lutar contra a opressão e a celebrar o amor.

Biografia:

Castro Alves nasceu em uma família de classe média na Bahia. Desde jovem, ele demonstrou talento para a poesia. Sua formação foi marcada por influências literárias e políticas. Estudou Direito, mas sua verdadeira paixão sempre foi a literatura.

Contribuição ao Abolicionismo:

Castro Alves se destacou como um dos principais poetas abolicionistas do Brasil. Ele usou sua arte como uma forma de protesto contra a escravidão. Em "O Navio Negreiro" e "Espumas Flutuantes", ele retrata de forma vívida a brutalidade da travessia dos africanos, usando metáforas poderosas e um tom de indignação. Essas obras se tornaram um marco na literatura brasileira, não apenas por sua beleza estética, mas também por sua mensagem política.

Temas de Amor:

Além do abolicionismo, Castro Alves também explorou temas de amor e paixão em sua obra. Seus poemas românticos, como "Se Eu Morresse Amanhã" e "A Canção do Exílio", mostram uma sensibilidade única. Ele captura a essência do amor, com todas as suas alegrias e tristezas, e expressa sentimentos profundos de maneira intensa e lírica.

Estilo e Influências:

O estilo de Castro Alves é caracterizado por uma linguagem rica e emotiva, com forte uso de imagens e metáforas. Ele foi influenciado por poetas europeus, como Lord Byron e Victor Hugo, mas conseguiu desenvolver uma voz própria, que falava diretamente ao coração do povo brasileiro.

Legado:

Castro Alves faleceu prematuramente em 06 de julho de 1871, mas seu legado perdura. Suas obras continuam a ser estudadas e admiradas, e ele é lembrado não apenas como um poeta, mas também como um defensor dos direitos humanos. Sua capacidade de unir a beleza da poesia com a luta por justiça social o torna um ícone da literatura brasileira.



Foto: Divulgação

Em síntese, Castro Alves foi um poeta que transcendeu sua época. Sua obra abolicionista é marcada por uma forte crítica à escravidão. Suas poesias de amor, repletas de emoção, revelam um artista comprometido com as causas humanas. Através de suas palavras, ele não apenas denunciou as injustiças de seu tempo, mas também capturou a essência das relações humanas. O legado de Castro Alves permanece vivo, inspirando novas gerações a valorizar tanto a liberdade quanto o amor, reafirmando seu lugar como uma das vozes mais importantes da literatura brasileira.

LIBERDADE É EMANCIPAÇÃO

A Liberdade é o meu alimento, meu combustível, meu oxigênio, a minha meta de centauro de sagitário. Por isso, estou com a mente às vezes quieta, outras vezes agitada, mas sempre alerta e o coração aberto e cheio de entusiasmo para a arte do viver.

Liberdade é caminhar na orla com os pés na areia da praia, feio ermitão na solidão do Mirante da Barra, pisando na grama macia e sentindo a energia da terra, deixando fluir todo o magnetismo, contemplando as borboletas no jardim, observando os belíssimos pássaros nas árvores, apreciando o harmônico e melífluco canto das aves no brilhar do dia.

Na dança do vento, a liberdade sorri, mas seu brilho é claro, não é só para si. Cada passo dado, um eco no chão. Responsabilidade é a chave da ação. Liberdade é praticar a necessária gentileza em nosso cotidiano, com atitudes de carinho na realidade hostil. Ser livre é um dom que vem com um peso, em cada escolha feita traz seu próprio enredo. Emancipar-se é dançar na linha do saber, onde liberdade e responsabilidade vão florescer.



Foto: Divulgação

Voar alto é lindo, mas é preciso saber que as asas do momento exclusivo nos levam ao raiar da liberdade, pois liberdade é luz, mas também é cuidado, um pacto sutil entre o sonho e o real. Quando a voz se levanta, que seja com amor, para que a liberdade não se torne dor. Já que nessa escolha consciente encontramos a paz, a verdadeira liberdade é aquela que traz as coisas justas, as ações corretas que acontecem com simplicidade mesmo diante da complexidade do existir.

Liberdade é um fruto maduro a se colher, mas sem responsabilidade, pode apodrecer. Emancipar-se é saber, com coragem e razão, que o poder de agir traz também a reflexão, pois quando se abre a mente e se quebra a corrente, a emancipação surge, forte e presente. É no ato consciente que a vida se transforma, ressaltando que a bendita liberdade com responsabilidade é a norma da boa gente.

Élcio Cavalcante, Professor de História.

CASTRO ALVES: POESIA, LIBERDADE E CONSCIÊNCIA NACIONAL

Denilson Marques dos Santos

Antônio Frederico de Castro Alves (1847–1871), conhecido como “O Poeta dos Escravos”, foi uma das vozes mais expressivas do Romantismo brasileiro. Sua curta, mas intensa produção literária combinou lirismo, denúncia social e um ideal de liberdade que o consagrou como símbolo da luta contra a escravidão no Brasil. Suas obras destacam-se pelo impacto que provocam no debate social político da época e pela construção da identidade literária nacional.

Castro Alves viveu em um período em que o Brasil ainda mantinha o regime escravocrata, mas que no contexto também emergiam movimentos pró-abolicionistas e republicanos. Sua formação jurídica em Recife e São Paulo colocou-o em contato com intelectuais liberais, como Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco, que também se engajaram na luta pela abolição da escravidão.

Essa atmosfera que o poeta vivenciava influenciou sua poesia, que ultrapassou os limites do sentimentalismo romântico, para adotar uma postura de denúncia social crítica.

Em suas obras, “O Poeta dos Escravos” transita entre o Eu-Lírico e o Social. Elencando temos:

1 Espumas Flutuantes (1870) - O único livro publicado em vida, reúne poemas que oscilam entre o lirismo amoroso e o tom combativo. A presença de metáforas marítimas sugere a instabilidade da vida e a força avassaladora das paixões e ideais.

2 O Navio Negreiro (1869) - Talvez seja o poema mais emblemático da literatura abolicionista brasileira. Apresenta imagens vigorosas da violência da escravidão e da degradação humana, ao mesmo tempo em que clama por liberdade e justiça.

3 Os Escravos (1883, publicado postumamente) - Consolida a faceta engajada do poeta. A denúncia das condições desumanas de trabalho e do sofrimento do povo negro é associada a uma visão libertária e humanista que essa parcela da população clama.

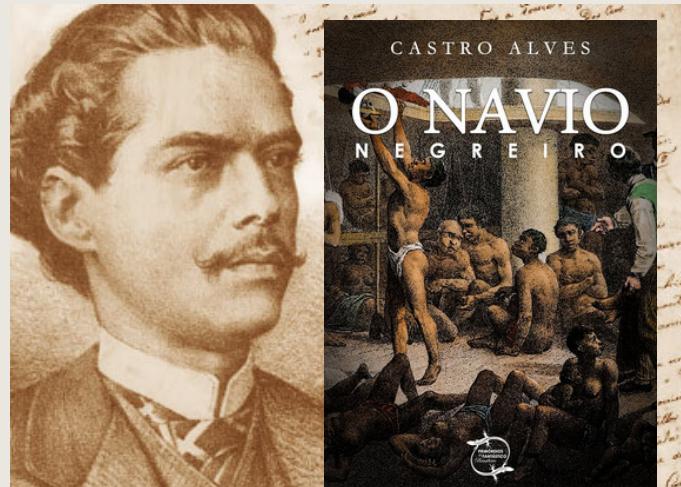


Foto: Divulgação

O Impacto Histórico e Literário nas obras de Castro Alves rompeu com o sentimentalismo predominante no Romantismo para inserir, na poesia brasileira, temas urgentes e universais, como a dignidade humana e a emancipação social. Suas obras contribuíram significativamente para sensibilizar a opinião pública contra a escravidão; para antecipar a transição para uma literatura de caráter social e crítico e para influenciar autores do Pré-Modernismo e Modernismo, como Cruz e Souza e Mário de Andrade. Nessa perspectiva, a crítica literária contemporânea reconhece, em Castro Alves, não apenas um poeta romântico, mas um precursor da literatura engajada no Brasil. Sua poesia mantém relevância, seja pelo vigor estético, seja pela atualidade de suas questões, como a luta por liberdade, justiça e direitos humanos. Destarte, o Poeta dos Escravos deixou, como legado à literatura brasileira, suas obras, que transcendem seu tempo, combinando beleza estética e força política. Mais do que poeta, ele foi a voz da consciência nacional, denunciando injustiças e projetando, por meio da palavra, um país mais livre e humano.

Denilson Marques dos Santos - Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA); Graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Membro do Grupo de Pesquisa (GP) Arte, Religião e Mémória (ARTEMI/UEPA); Docente da Secretaria Executiva de Educação (SEDUC-PA) e da Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Ananindeua) / Ministrando as Disciplinas “Filosofia” e “Estudos de Religião”; Colunista da Revista SARAU. E-mail: dede_cecilia@yahoo.com.br / Contato: (91) 98212-3606.

DOIS COQUEIROS E UMA ÁGUA DE COCO

enrico pierro

desenhei diversos traços na areia, enquanto observava o mar se achegar para apagá-los. hora ele vinha nervoso, agitado, como se eu tivesse feito algo quase obsceno. outras vezes a onda se arrastava quase preguiçosa, como quem não queria apagar nada. mas sempre acaba levando meus traços embora.

enquanto deixava meus pés largados preguiçosos, com os dedos apontados para o infinito azul, pensava na minha vida como se fosse aquele cenário. o que seriam os traços? meus erros? meus acertos? meus amores? quanto da minha vida será que não se apagava e se refazia diante da imensidão do universo? no final das contas eu sempre me senti meio grão de areia na praia da constelação de um universo infinito, como o mar. porque sempre vi o mar dessa forma, como algo sem fim. sem borda. sem limites.

fiquei tentando traçar pegadas e marcas mais profundas. esse paralelo entre o que eu desenhava e a minha vida começou a se transformar em uma fixação. se eu conseguisse fazer uma marca que aquelas pequenas ondas não pudesse apagar, então quem sabe eu também não fosse apagado. arrasado e levado pela futilidade dos meus atos cotidianos. nada deu certo.

quanto mais fundo eu tentava, a única coisa que eu conseguia fazer, agora, era encher buracos com água salgada misturada a uma areia já meio lamacenta. os traços, tão nítidos, agora se desfaziam e iam desmoronando. olha, pensei, tão parecido quando eu fico tentando, em vão, insistir em coisas que eu já sei que não dariam certo. a vida ensina de várias formas, não é mesmo? até esse buraco está aqui, me mostrando de uma maneira tão simples o que a minha intuição já faz todos os dias. e nem assim, eu presto a atenção.

levantei tentando tirar a areia molhada grudada em mim, como se meus erros pudesse simplesmente serem apagados da pele ou da minha história igual aquelas tatuagens que a gente costumava fazer com chicletes baratos e água. evidente que não daria certo. ou eu mergulho na água de vez ou espero secar pra ver se a areia cai por si só. mas erros caem por si só? não. nem somem e nem se apagam. ou eu aprendo com eles e evito repeti-los para que eles não se tornem escolhas no futuro ou serão sempre erros.

vou caminhando na direção contrária do sol e da vida. porque é mais fácil achar que nas costas, o sol não vai arder. outra enganação da minha mente. mais uma vez eu tentando me sabotar, mesmo sabendo o resultado que virá no dia seguinte. e curioso que depois eu vou ficar sentado em algum canto pensando que deus não me escuta, ou que a vida pouco me ensina. que besteira! a vida está me ensinando o tempo todo, eu que fico ignorando tudo o tempo todo. será que você faz isso também?

percebo que já me afastei tanto do caminho que já não reconheço muito bem onde estou. quantas vezes não me senti assim? meio perdido até nos lugares corriqueiros? nos rumos inesperados da vida? essa praia deve ter algum problema cármino que eu não entendi muito bem. parece um jogo da vida sem o manual de instruções, mas que eu passei muitos anos jogando sem perceber. melhor parar um pouco e tomar alguma coisa.

com uma água de coco em mãos, eu sinto o líquido gelado refrescar um pouco meu corpo e minha mente. talvez o calor estivesse afetando um pouco meus pensamentos. decido continuar a caminhada, sem nem saber se estou indo pro lado certo. outra ironia do destino. já pensei isso diversas vezes ao longo dessa jornada que eu chamo de vida. mesmo quando no final eu tenha percebido que acabei indo na direção certa. e exatamente como na vida, foi o que aconteceu. reconheci uma coisa aqui e outra ali. uma árvore, um coqueiro. não com aquela sensação de que havia chegado em casa. não era meu lar. mas ao menos com o alívio de que eu sabia onde me encontrava. porque no fundo a única certeza de que eu trazia comigo era a de um poema da florbelha espanca, que terminava dizendo: e se um dia hei de ser pó, cinza e nada. que seja minha noite uma alvorada. que me saiba perder pra me encontrar.

será que eu me encontrei?



Foto: Divulgação

Carlo Enrico C. Pierro, conhecido como Enrico Pierro, nasceu em 1986. Publicitário com especialização em Redação Publicitária, escritor e comunicador multifacetado, é autor do livro 'As marés do meu ser' (Ipê das Letras), além da trilogia 'As ondas do meu Ser', 'Horizontes do Cotidiano' e 'Marés da Transformação', sucesso na Amazon. Sua escrita, marcada pelo uso intencional da caixa baixa, proporciona intimidade e proximidade com o leitor, explorando reflexões sobre autoconhecimento, sentimentos e cotidiano. Também atua como podcaster, colunista, apresentador de TV e empresário. Reconhecido nacional e internacionalmente, foi premiado em Paris e homenageado como uma das vozes mais influentes da poesia contemporânea.

ESCREVER É PARA QUALQUER UM

Denis Amaral

Eu me lembro vividamente. Quando dizia às pessoas que estava escrevendo um livro, a reação delas oscilava em fração de segundos dentre achar que eu estava brincando, me julgar como se eu fosse a pessoa mais burra que elas conheciam, e fingir suporte. "Poxa, que legal" - quase sempre completavam.

Assim como um fotoqueiro se vê na obrigação de não guardar para si a informação que lhe contaram ou que ele mesmo presenciou, é inútil guardarmos sentimentos. Nossa corpo físico é feito de água e músculos, e nossa alma de plasma. Se não nos exercitarmos para deixar fluir e moldar às nossas ambições, seremos vítimas de nossos próprios hábitos e pensamentos.

Todo mundo deveria tentar escrever um dia. É uma pena que a figura do escritor esteja condecorada como algo único; um dom pertencente a apenas alguns. A verdade que nos separa de nossa própria alter grafia muitas vezes é o medo.

Os dois feedbacks que mais recebi sobre Mesa para dois foram "consigo enxergar você dizendo cada palavra do narrador", e "você foi muito corajoso". Pra mim, os dois validam essa minha teoria de que escrever é pra qualquer um. É um direito humano. É claro que meu livro teria minha voz como narrador; como poderia ser diferente? E o fato de quase todo mundo ter citado coragem; isso mostra o quanto publicar significa exposição desnuda. Talvez alguns acreditem que escrever o que sentem seria como mostrar a bunda nas redes sociais. Para estes, está tudo bem escrever o que pensam, mas - o que sentem? Isto jamais. Muita coragem pra pouca recompensa.

Eu nunca afirmei que algo em meu romance de estreia fazia jus a tudo o que eu passei na minha vida. Assim como você, leitor/ouvinte, eu passei por um bocado. Mas não é o que eu penso ou o que os outros vão pensar que importa. Meu livro não é uma redação sobre minha vida. Mas, como a maioria dos autores estreantes, meu livro com certeza é um compêndio de sentimentos reprimidos daquilo que

deveria ter fluido por meu coração, minha mente e minha alma em algum momento de minha vida mas, por algum motivo, se alojou nos cantos obscuros de um dos três feito uma placa de gordura. Ao escrever a história de um personagem fictício, fui capaz de promover uma assepsia naquilo que me deixava ansioso e angustiado. Conseguir criar um diálogo com o mundo - que antes se dava em forma de confrontos do subconsciente (daqueles que todos nós vivemos quando adentramos um ambiente com alguém que mexe com nosso centro gravitacional, ou quando ouvimos algumas frases e palavras-chave que nos fazem querer voltar à animalidade do nosso ser). Enfim: nesse diálogo, consigo beber da fonte da verdade. Da minha verdade. Quando eu tinha 25 anos, um amigo uma vez me disse que não existe nada melhor do que a verdade - por mais que ela doa. Demorei pelo menos dez anos para entender o que ele disse.

Escrever é um ato de amor-próprio, de pertencimento à sociedade, e de altruísmo para com aqueles que ainda não encontraram sua voz.

Se você tem dúvidas quanto a começar a escrever, quebre essa ideia ao meio. Quando acordar antes do despertador ou perceber que tem vinte minutos antes de ter que começar sua rotina, pegue seu laptop, tablet ou papel e caneta - e escreva! Simplesmente deixe fluir. Redija o que vem à sua mente. Se não conseguir escrever, desenhe. Aos poucos, as ideias vão se organizando. E, como o fluxo de nossos batimentos cardíacos, a clareza de uma mente sã, e a leveza de uma alma momentaneamente purificada, a organização irá lhe proporcionar um clímax de quem respira pela primeira vez depois ao acordar de uma endoscopia. A recompensa existe, e está há algumas palavras de distância.

Isso, claro - até que a vertigem causada pelo vórtice do ego lhe arrebate mais uma vez, na próxima esquina. Mas quem desbloqueia sua criatividade escrita uma vez, nunca mais a perde.

Aguardo ansiosamente para ler seu texto.

"Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se afastam da vida - umas porque usam de fórmulas visíveis e portanto vitais, outras porque vivem da mesma vida humana. Não é o caso da literatura.

Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso."

- Fernando Pessoa

"Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada. Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a "coisa" vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos."

- Clarice Lispector



Foto: Divulgação

Denis Amaral nasceu em Piracicaba e se formou em engenharia. Tem a música como fio condutor de sua vida, e a nostalgia como refúgio. Se apaixonou por literatura quando trabalhou como executivo no mercado de livros. Acaba de publicar seu romance de estreia, "Mesa para dois".

VERSONS ABOLICIONISTAS

Néia Gava

Castro Alves.

O nosso Castro Alves.

O brasileiro carismático e
Sonhador.

O nosso Castro Alves.

O baiano engajado

Pelas causas nobres

Daqueles oprimidos pela nobreza.

O Castro "Poeta dos Escravos".

O Alves da defesa pela liberdade

Dos oprimidos

E escravizados.

Tuberculoso e encurvado para a morte

Não desistiu de poetizar

Pelos escravos.

Seus suspiros derradeiros

Homenageavam os escravizados

Tão lutador que fora pela liberdade.

Com lirismo amoroso

E denúncia social

Enriqueceu a literatura brasileira

Em seus tons e sons

E letras e sentimentos

E críticas.

E em poesias abolicionistas.

Assim se fez Castro Alves.

Assim fez o Castro Alves.



Foto: Divulgação

Néia Gava - Especializada em Letras: Português e Literatura. É poetisa e escritora. Possui Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI). Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro (APALARJ). Membro nº 001039 da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Colunista da Revista Sarau (CE-Fortaleza). Coordenadora Diocesana da Pascom – Área das Rochas. Coordenadora de núcleo do Coletivo Escritoras Cachoeirenses.

O LIMIAR DO TEMPO

Gerson Augusto Jr

Sou filho
dos rebentos
do sertão
A ancestralidade do meu sangue
correu nas artérias
da caatinga
Estou entre uma pequena parcela
da humanidade
com a memória marcada
longos períodos de estiagens
Ciclos migratórios de pessoas
aves de arriabação
Cedo aprendi observar nuvens
E
dizer quase cantando:
Tá bonito pra chover....
Benditas sejam as águas de março
Benditas sejam as mãos camponesas
preparando sementes
afagando húmus
semeado esperança
Bendita seja a partilha
dos frutos da terra...

Cheguei ao mundo numa
cidade litorânea
Caminhei pela beira da praia
sentido a maresia
Ouvi a voz do mistério ecoando
nas conchas
Nas canções indefinidas das vagas
No silêncio das pedras
acolhendo marés
No eterno retorno marinho
E
Na exuberância alaranjada
das falésias
no esplendor do meio dia

Sou grão de areia....
O mar diminui quem
dele se aproxima

As vezes o vento sopra
cobrindo meus passos com barro
da estrada
descortinando lembranças
das

vivências infantis...
O sol definindo tons
nas manhãs de primavera
Pipas colorindo o céu de julho
A chuva do caju lavando
as tardes mornas de agosto
O voo das andorinhas errantes
as ventanias de setembro
a copa do ipê amarelo
o silêncio escuro das lagoas
os morros brancos da salina
A revolta do peixe beta
nos limites do aquário
O jogo de futebol
o gol contrariando o dono da bola...

A aula enfadonha da professora de matemática
A ação planejada para burlar a vigilância
O intervalo
o lanche
o recreio
o descuido do inspetor
a fuga da escola
A cumplicidade do vendedor
de picolé
O chamado da aventura
brincadeiras desafiadoras
as dunas brancas
que o poeta cantou
A vegetação rasteira
Cavalos pastando tranquilos
O laço certeiro com a corda azul
E
O galope como sonho de liberdade...

O inconfundível perfume da manga rosa
gaiola de porta aberta
goiaba madura que
o sanhaço beliscou
Sabiá cantando nos
galhos do murici
O voo lúdico do avião de papel
as viagens no mundo do faz de conta
os heróis perdidos no espaço...

O porto do Mucuripe
olhar curioso
passos cautelosos na faixa do cais
O velho portuário de mãos calejadas
voz conselheira

E
 palavras firmes
 traçando a direção
 das minhas primeiras rotas
 Me ensinando a ser gente com
 as lições grafadas nas
 páginas do viver...
 A imponência dos grandes navios
 de bandeiras estrangeiras
 O farol riscando o horizonte
 facho de luz acenando
 para navegantes

Sou barqueiro
 E
 o próprio barco

Alegra-me a ideia de que tenho
 irmandade com os astros
 Sou feito de poeira cósmica...
 Carrego no corpo vestígio
 do enigma da criação
 quando o caos principiou o cosmo
 E
 recém-nascidos clarearam
 o berçário das estrelas...

Sou um breve sopro de vida
 destinado a caminhar
 sobre o pálido ponto azul
 A esfera flutuante
 solta
 entre galáxias do universo em expansão
 Complexa matéria sonhadora
 aspirando a ser maior do que sou agora
 Procurando conquistar
 meu lugar no mundo...

Vou seguir o fluxo das estações
 sentir o movimento
 das vibrações sutis
 E
 Aceitar o que a intuição receber
 Reconhecer o que enleva em
 embarcações encantadas
 nas correntezas do dia,
 onde o prosaico deságua
 nas cataratas do poético...

Tenho minhas batalhas



A persistência da memória: Salvador Dalí

E
 enfrento desafios
 na Jornada da Alma...

Vou reunir forças
 vestir armadura de guerra
 Empunhar espada
 E
 Lutar com a bravura de
 um herói épico...

Difícil é explorar cartografias interiores,
 encontrar as rotas dos sentimentos
 que alimentam o coração
 Vou silenciar o barulho
 das horas
 atravessar
 o limiar do tempo
 E
 Acolher o instante como
 sublime expressão
 da eternidade....

GERSON AUGUSTO JR. - nasceu em Fortaleza em 1966. É antropólogo e professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Participou de coletâneas literárias e concursos de poesia. Teve seus poemas selecionados pelo Concurso Literário do Ideal Clube nos anos de 1998 e 2001.

LUIZ GAMA O APÓSTOLO NEGRO DA ABOLIÇÃO



CORDEL DE CHICO FÁBIO

CAPA CHICO FÁBIO POR IA

LUÍS GAMA, O APÓSTOLO NEGRO DA ABOLIÇÃO

Cordel de Chico Fábio.

Na terra de Salvador
No Brasil do tempo antigo
Nasceu Gama com valor
No meio de um povo amigo
Filho de mãe combatente
Com sangue quente e valente
E de um pai sem bom abrigo.

Luiza Mahin a mãe
Mulher livre decidida
Lutava contra a opressão
Com a força destemida
Enquanto o pai sem pudor
Pelo vício sem amor
Lhe trocou por uma dívida.

Mesmo tendo o nascimento
De um homem livre altaneiro
Foi vendido como escravo
Por um pai bem desordeiro
Pra São Paulo foi mandado
Pra um destino acorrentado
No mais triste cativeiro.

Foi pedreiro e sapateiro
Na labuta sem cessar
Mas o Gama tinha em si
Desejos de libertar
Fugiu daquele senhor
Buscando novo valor
Querendo a vida mudar.

Sozinho foi aprendendo
A leitura e a escrita
De forma autodidata
Sua mente ficou bonita
Pegou livros com vontade
Estudou com qualidade
Fez da palavra uma guita.

No Direito se meteu
Sem ter um diploma em mão
Ganhou licença na luta
Com coragem e decisão
Advogado sem curso
Que lutava feito um urso
Pra ajudar o cidadão.

Pelos pobres trabalhou
Pela gente sofredora
Pelos negros, pelos fracos
Por quem chora a toda hora
Pra imigrante injustiçado
E escravo amordaçado
Com justiça acolhedora.

Mais de quinhentas pessoas
Conseguiu ele soltar
Usava as leis esquecidas
Pra o povo libertar
Lei de trinta e um foi fim
Pro seu direito um clarim
Pra liberdade tocar.

Quem chegava do estrangeiro
Bem depois daquela data
Não podia ser escravo
Pois a luta era bravata
Não tendo a comprovação
Que nascera na nação
Levava muita chibata.

Se o senhor o maltratava
E a morte era a saída
Gama então defendia
Com sua tese aguerrida
Dizia com muita fé
Que o escravo, com o que é
Matava pra ter a vida.

"É legítima defesa!"
Gritava Gama, certeiro
Ao dizer que a liberdade
Vale mais que o cativeiro
Mesmo a classe dominante
Ficava brava, arrogante
Com esse grito guerreiro.

Com sua pena afiada
Foi também bom escritor
Jornalista de coragem
Que ao povo deu valor
Publicava o seu saber
Fazendo o povo entender
Luta do trabalhador.

Na abolição foi gigante
Chamado Apóstolo, sim
Negro forte e destemido
No caminho até o fim
Por justiça e pela paz
Contra o açoite e o capataz
Fez da vida o seu clarim.

Sua saúde foi caindo
O diabetes lhe abateu
Mas sua luta tão bonita
Nunca dele se perdeu
Em São Paulo então partiu
E o Brasil inteiro sentiu
Um grande homem morreu.

Seu enterro foi marcante
Cortejo em multidão
Da Consolação ao Brás
Foi grande como um trovão
Ricos e pobres ao lado
Revezando emocionado
Numa forte procissão.

O Martinho fazendeiro
E um pobre de pé no chão
Ambos juntos, carregando
O caixão da redenção
O rico e o descalçado
No mesmo passo abraçado
Na derradeira missão.

O Raul Pompeia contou
Esse fato singular
Que na história de Gama
Ficou pra eternizar
Um fazendeiro abastado
E um negro esfarrapado
Foram juntos carregar.

Muito tempo se passou
De sua luta de fé
Mas só em dois mil e quinze
Que a OAB, com seu pé
Deu o título esperado
De advogado honrado
Mostrando Gama quem é.

No Brasil de tantos muros
Onde a injustiça persiste
A memória de Gama grita
E em cada canto resiste
Pois sua voz, tão profunda
Ainda hoje fecunda
Na esperança que resiste.

Fez do Direito uma lança
Contra a escravidão cruel
Fez da palavra uma arma
De um guerreiro fiel
Foi juiz sem ter a toga
Mas sua força que roga
Deram povo um papel.

Quem estuda a sua história
Vê que Gama foi farol
Num país tão desigual
Onde o racismo é anzol
Mas ele rompeu as grades
E plantou pelas cidades
Um sonho de girassol.

Foi poeta combativo
Um jornalista engajado
Advogado sem medo
De enfrentar o coroado
Desafiou o sistema
Com sua lógica extrema
Ao lado do injustiçado.

Com coragem enfrentou
Elite sem coração
Fez da lei um instrumento
Da pura libertação
Se hoje temos liberdade
Parte da realidade
É fruto da sua mão.

Lembrança de Luís Gama
Tem que ser eternizada
Que nas escolas do povo
Seja lá sempre estudada
Para a nova geração
Ver que na abolição
Teve voz tão dedicada.

Nos becos e nas vielas
Em cada canto esquecido
Memória de Gama brilha
Como um farol destemido
Sua luta não tem fim
Pois começa sempre assim
Como um grito oprimido.

Ao menino ou menina
Que sonha se libertar
Que olha pros livros hoje
E deseja caminhar
Que saiba: Gama um dia
Com a mesma valentia
Também soube bem lutar.

Por justiça caminhou
Mesmo sem ter proteção
Foi exemplo de coragem
Contra a escravização
E em cada processo feito
Mostrou que o maior direito
É viver na condição.

Lá pelo chão de São Paulo
Sua história permanece
Em cada praça ou na rua
Onde a injustiça aparece
Gama surge na memória
Como chama, como glória
Que o povo reconhece.

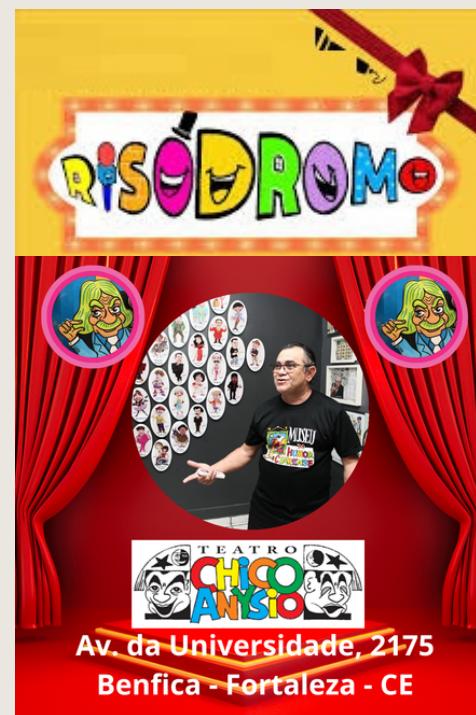
Num Brasil ainda tão cheio
De injustiças e de dor
Lembrança de Gama ecoa
Com ainda mais vigor
Pois lutar por igualdade
Ainda é necessidade
Pra um futuro com amor.

De estudar e de sonhar
Lembremos de quem sofreu
Pra a história transformar
Gama foi semente e arado
Deste solo machucado
Que não cansa de lutar.

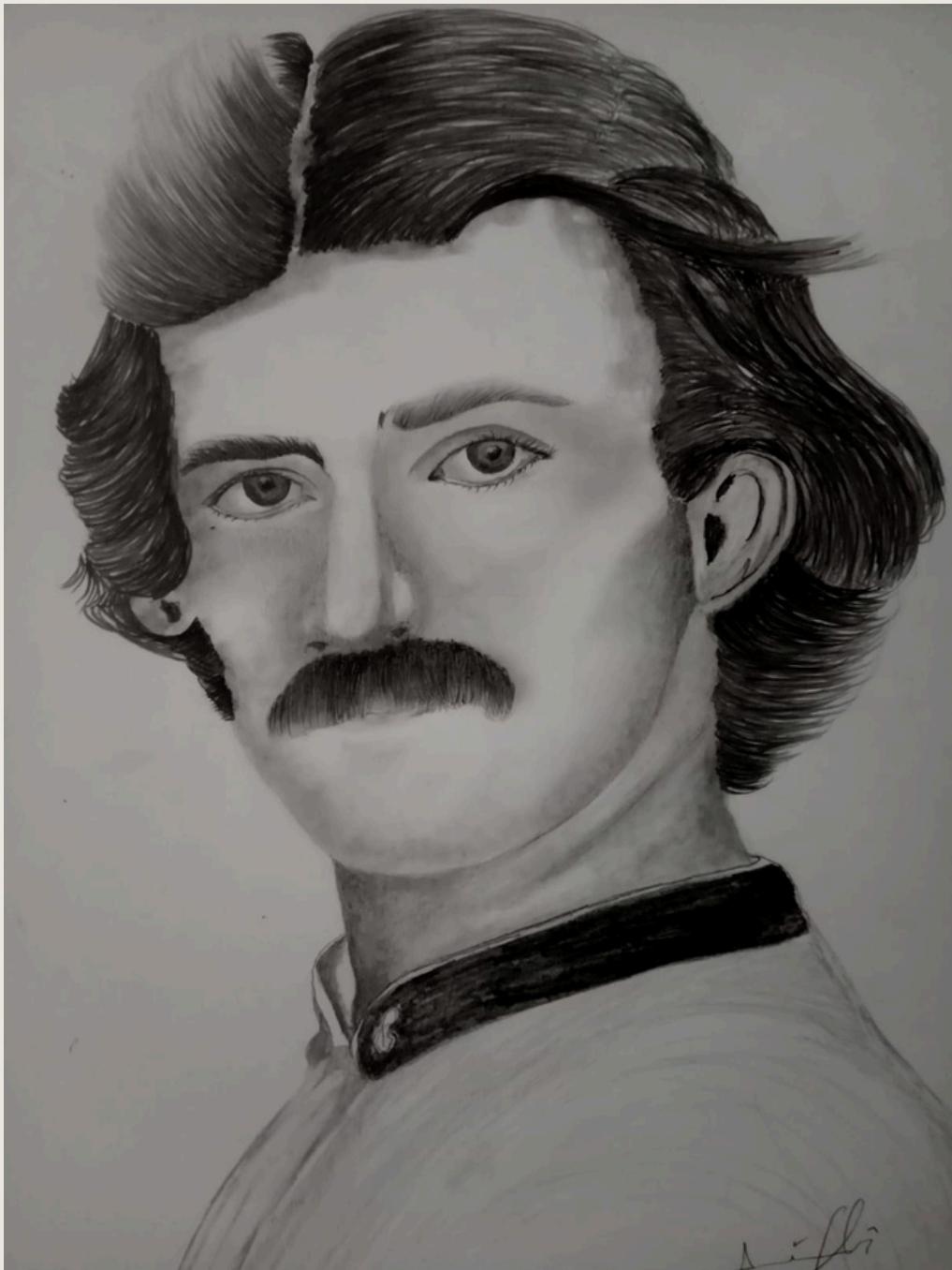
Por isso meu verso agora
Termina com gratidão
Ao homem que fez da vida
Uma enorme missão
Que sua história floresça
Pra que o povo nunca esqueça
Da grande dedicação.

Luís Gama, nome eterno
Na história do Brasil
Contra o açoite e as correntes
Foi coragem varonil
Sua vida um testemunho
Que dá justiça um punho
Pode ser luz e fuzil.

Chico Fábio é cordelista cearense



ARTE VISUAL



Belchior 79 anos



AMAURO FLOR Artista de Lagoa Seca-PB, começou em 1982 no Liceu Paraibano, em João Pessoa. Inspirado pela poesia de Chiara Lubich, desenvolveu um estilo surrealista/figurativo com grafite e nanquim. Premiado em 2012 pelo Salão de Artes Visuais do Sesc PB, segue expondo suas obras. Desde 2020, vive em Catolé do Rocha, retratando a paisagem da caatinga e a arquitetura Art Déco local.

UMA RÉSTIA DE LUZ

Maria Vandi

Não lembra quando começou a trabalhar.

A mãe paralítica desde o atropelamento. Cadavérica, jogada na cama do quarto de paredes sórdidas, com molambos atirados pelos cantos. A janela encardida, aberta, deixando uma nesga de céu como esmola.

O pai, até esqueceu quando se foi.

Todos os momentos, pelas ruas, muitas crianças felizes, gente bem-vestida, doces nas vitrines. Mas também via pessoas assim como ele, maltrapilho, sofrido e desprovido da mínima condição financeira.

A mãe fazia-o ler o catecismo já gasto, que mostrava um Deus justo e boníssimo...

Olhando a faixa de lua na janela aberta, como havia assim tanta desigualdade... não compreendia e pensava...

Chegou o Natal, percebia pelas cores, enfeites, por tantas, inúmeras sacolas nas mãos das pessoas...

A noite chegou sobre as ruas envolvente e ruidosa de pessoas comemorando.

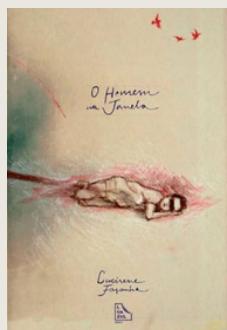
Pedro não vendera todas as balas, ainda tinha flores na mochila, apanharia do irmão mais velho quando retornasse.

Foi para a praça mais enfeitada e se posicionou na entrada da igreja. Todos passavam sorridentes, felizes e nada compravam.

Quase desiludido, percebeu um rapaz na calçada fronteiriça que lhe acenava, foi até ele, que propôs ambos formarem uma dupla para tentar vender seus produtos. Deitou-se aos pés do rapaz, encolhendo-se como sentindo dores, para que os passantes se apiedassem e assim, além de vender rosas e balas, ganhar algo para levar para casa.

Logo as pessoas se aproximaram e compraram balas e flores. E vendo a criança suja e malvestida, quase desfalecendo, deitada na calçada, ofereceram esmolas sem que ambos precisassem falar nada. E antes que chegasse meia-noite, tinham vendido tudo, além de ganhar bolas, doces e alguns trocados. Despediram-se e cada um seguiu seu rumo, envergonhados, mas felizes.

Pedro, após distribuir com a mãe e o irmão o que tinha trazido, ajoelhou-se na réstia de luz da janela, agradeceu a Deus por ter proporcionado felicidade aos seus e perguntou contrito: Será que posso me fingir de morto amanhã?



“O HOMEM NA JANELA”

No conto “Uma réstia de luz”, que é um dos contos do livro “O Homem na janela”, a escritora expressa uma das mazelas sociais do nosso país, “a pobreza extrema”, que é gerada pelas injustiças sociopolíticas.

As imagens de miséria são retratadas com tanta veemência, com palavras repugnantes adequadas, que nos trazem uma visão sensorial do ambiente e da extrema pobreza.

É, portanto, um grito de revolta, que clama por justiça.

Parabéns, Lucirene, por ter a sensibilidade de ver com os olhos do coração.

Maria Vandi da Silva Teixeira (Maria Vandi) é natural de Acarape, Ceará, radicada em Fortaleza, desde a terceira infância. É graduada em letras e especialista em língua portuguesa, e suas respectivas literaturas. Publicou seu primeiro livro "No Voar do Tempo" (poesias) em 2019; e o segundo "Poetizando Espinhos e Flores" em 2025 (Poesias). Faz parte de várias coletâneas, na Argentina, Portugal e Brasil. Pertence ao Mulherio das Letras Ceará e ao Clube dos Poetas Cearenses.

EXPLORANDO A IDENTIDADE EM IMERSÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXIVA

Francisco Hélio Mota da Silva

O presente trabalho tem como objetivo analisar a frase “Quem é você?”, presente no capítulo 1 da obra *Imersão*, de Angela Sirino, que tem como tema central justamente essa pergunta. A proposta deste trabalho é refletir sobre esse questionamento à luz da sociedade atual, promovendo uma conexão entre a obra e a realidade contemporânea.

O título do capítulo já apresenta uma provocação pessoal que, muitas vezes, é ignorada nos dias de hoje. Afinal, se alguém lhe perguntasse: “Quem é você?”, será que você conseguiria responder com sinceridade? Ou melhor: será que você realmente se conhece? Por exemplo, você saberia dizer por que não gosta de algo específico? Ou por que, em algumas ocasiões, sente antipatia por alguém que sequer conhece? Assim, propomo-nos a analisar essa questão tão profunda.

Angela Sirino destaca que, ao longo da nossa existência, ou mais precisamente desde a infância, vamos forjando nossa identidade. Por isso, é fundamental atentarmos ao ambiente e às pessoas com quem convivemos no dia a dia. Como muitos já ouviram ou leram, o ambiente exerce grande influência sobre quem somos. Por exemplo, se uma pessoa não é disciplinada nos estudos, mas começa a conviver com estudantes comprometidos, que vivem o verdadeiro significado da palavra “estudante”, ou seja, aquele que busca adquirir conhecimento, em poucos meses seus hábitos podem começar a mudar. Em síntese, o meio em que vivemos molda a pessoa que somos hoje, até que alcancemos uma identidade mais consolidada.

No entanto, a pergunta inicial, que parece tão simples à primeira vista, pode se tornar extremamente complexa. Infelizmente, muitas pessoas passam pela vida sem conseguir respondê-la e, por isso, nunca descobrem seu verdadeiro lugar no mundo. Afinal, ao saber quem sou, posso também entender qual é meu propósito e reconhecer minhas vulnerabilidades, para assim fortalecê-las e me tornar uma pessoa melhor a cada momento.

Quando alguém não sabe quem realmente é, surgem as dúvidas: será que sou capaz de realizar determinada atividade? Esse desconhecimento gera insegurança, desânimo, medo de falhar e pensamentos negativos que ocupam a mente de muitas pessoas. Como afirma Angela Sirino, “uma série de pensamentos negativos tenta nos conduzir a um vazio interior, a uma solidão aterrorizante”, mesmo quando estamos rodeados de pessoas. Essa inquietação pode afetar, inclusive, a vida espiritual: para um cristão, por exemplo, responder à pergunta “Quem sou eu?” é essencial para se encontrar em seus pensamentos e entender seu lugar no mundo.

Esse esforço de autoconhecimento é a chave para responder a várias outras perguntas existenciais. Tal processo também se manifesta de forma intensa na adolescência, uma das fases mais desafiadoras da vida humana. Como observa Angela, esse é o período em que cada adolescente busca o seu próprio “eu”, ou seja, tenta encontrar sua identidade no mundo para saber qual é o seu lugar nele. Contudo, muitos jovens vivem essa busca sem consciência clara de que estão tentando se encontrar. Por isso, acabam se rebelando contra pais e amigos, como uma tentativa inconsciente de responder à pergunta fundamental: “Quem sou eu?”. Vivemos em uma sociedade que nos exige perfeição sem, muitas vezes, expressar isso abertamente. Desde cedo, somos cobrados a não cometer falhas, o que acentua a crise de identidade na adolescência e pode torná-la ainda mais complexa no futuro. Como a autora destaca, essa crise se manifesta com mais força por volta dos 15 anos, quando muitos adolescentes ainda não se sentem seguros de quem realmente são.

Para finalizar essa reflexão que talvez seja mais complexa do que você imaginava deixo-lhe uma pergunta: Quem é você? Se você ainda não consegue responder a esta e a outras perguntas como “Qual o propósito da minha vida?” ou “Que legado deixarei?”, então reflita: será que você realmente se conhece ou está apenas iludido, acreditando saber algo que, na verdade, ainda não descobriu?

Francisco Hélio Mota da Silva nasceu em Fortaleza, mas vive atualmente em Horizonte. É estudante do curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e atua como pesquisador.

POR QUE DUBAI?

José Gurgel

Muitos me perguntam porque apelidei o Guará de Dubai. Tentarei explicar. Se você prestar atenção direitinho, vai entender.

O pessoal daqui anda com o nariz empinado, todos se sentindo donos do pedaço. Às vezes penso que deve ser o meu senso crítico ou ilusão minha, mas gosto de tirar um sarro com a galera que mora por aqui. Parece até que não fazemos parte da República de Bananas, mas para tirar a dúvida, estava sem fazer nada por aqui, aproveitei o recesso e resolvi passar alguns dias em Dubai.

Lá mesmo, onde Judas perdeu as botas, lugarzinho até bom, mas me deu uma saudade danada daqui.

As paisagens maravilhosas, parecia eu que tinha entrado em algum filme de fantasia onde tudo funciona perfeitamente. Senti-me um califa daqueles de lá, só faltava vestir aquelas saias e colocar uma toalha na cabeça.

Tudo parecia um conto de fadas, muita comida, muita mesmo, nem sabia o nome. Nem com um tradutor eu conseguia falar, quanto mais escrever. Muitas bebidas finas.

Deu uma saudade danada do Porcão, onde os coices do Galak pareciam que mãos de fadas nos tocavam. Confesso que aquela limpeza estava me dando enjoo.

Acho que era falta de costume. Perguntei ao guia onde havia um quiosque pra tomar água de coco, um pingado e ele me deu uma olhada de desprezo. Tentei não ficar irritado com aquele cabra de saia, mandei ele à merda em português perfeito. Ele sorriu e agradeceu, penso eu.

Pra mim bastou! Chega desse lugar lazarento. Voltei.

Agora, já de volta, sinto que não existe nada melhor do que aquela feijoada com cerveja bem gelada – pelo menos eu sei o nome decorado – feita por aqui mesmo.

Encontrei o meu amigo Caixa Preta. Senti então que tinha chegado ao Paraíso e finalmente poderia desfrutar de alguma iguaria lá na Feira do Guará.

De agora em diante, Dubai só por fotografia. Meu negócio agora é o Guará, pelo menos aqui não sou atacado por essa perfeição cinematográfica. Aqui é real e a realidade, em toda a sua crueza, salta aos nossos olhos. Melhor do que uma bela paisagem que parece de plástico. Prefiro ser maltratado com as lambanças daqui. E olha que não são poucas! Pelo menos, são verdadeiras.

MODISMO E ALIENAÇÃO

Estava aqui pensando na nova idiota mania que apareceu nas redes, o tal de Morango do Amor. O Caixa Preta parece que andou experimentando, vou procurar saber detalhes.

Parece que foi uma coisa bolada por algum dentista, pois o que existe de cristão com os dentes prejudicados não está no gabi. A coisa virou uma febre entre os frequentadores das redes sociais. Só falam nisso!

Para que tenhamos uma ideia da idiotice em questão, o preço do morango subiu assustadoramente. Já há escassez da fruta em alguns mercados e frutarias.

O velho Caixa chega todo animado depois de xingar até a décima geração de plantadores de morango, pois quase tinha perdido um dente ao experimentar o tal doce. Deveras irritado, foi logo desembuchando o que sentia.

Quando achamos que já vimos tudo em matéria de frescura, eis que aparece uma modinha pra lembrar que o mundo está mais perdido do que imaginamos. Agora surgiu o Morango Amor, uma verdadeira ode à boiolicie reinante. A coisa é mais grave, escrevendo já me benzi umas dez vezes e olha que não sou muito de rezar, mas diante dos fatos, me apavorei.

Tentei manter a calma. , O que mais me preocupa nessa onda do Morango Amor não é nem o tal doce, mas perceber como as pessoas são facilmente influenciáveis. Ninguém tem opinião própria. Aceitam tudo o que as redes sociais impõem, parece um bando de vaquinhas de presépio, ninguém pensa ou age para mostrar um pouco de sanidade, tudo segue um padrão ditatorial.

O velho Caixa parecia inspirado, resolveu falar de coisas mais importantes que acontecem no nosso quadrado. A coisa não está muito boa, com tendências de piora, pois desgraça pouca é bobagem.

Mas o velho Caixa estava indignado. Começou então a falar sobre uma grande preocupação do mundo atual.

Segundo os estudiosos, o fim do mundo está ali na esquina, mas quando penso no fim do mundo sempre vejo um sinal de que a data fatídica não está muito longe.

Será que é o efeito do morango?

José Gurgel é um apaixonado pelas letras e artes.

TEMPEROS PROSAICOS

Simone Lacerda

*o poema fracassa justo onde eu preciso ser salva
Rita Isadora Pessoa*

Gosto de engolir, vorazmente, as palavras. Gosto de tocá-las, cheirá-las, mastigar com precisão, identificar seus gostos e inundar meu corpo e minha vida com elas. Elas permitem a saciedade, o descanso de meu apetite, embora tenha uma fome que não dissipa, não cala.

A gente pode se esbaldar com palavras que trazem conforto e alegria, palavras que nos confortam e nos afagam o estômago e a alma. Palavras de amor, de perspectivas, de amizade, de respeito nos alimentam, dão para encher nossos órgãos da vida. Ampliam nosso cenário de introspectivas e experiências externas.

Particularmente, gosto de mastigar palavras de imprecisão, incomuns, aleatórias, abundantes, polissêmicas, de fundura, daquelas que muitos não se arriscam. Esses preferem a permanência no raso, no domesticável, nas verdades que se alojam nas cascas.

Eu privilegio a comida aromatizada, de cuidados, de fino trato, bem-disposta nas bocas de quem diz, nas mãos que deslizam para a escrita, para a tessitura dos fios poéticos, para a composição da melodia, para o afrontamento das prosas. Desejo alimentar-me, com gula, para que as palavras recriem meu espaço, equacionem o que parece insolúvel, pouco palpável.

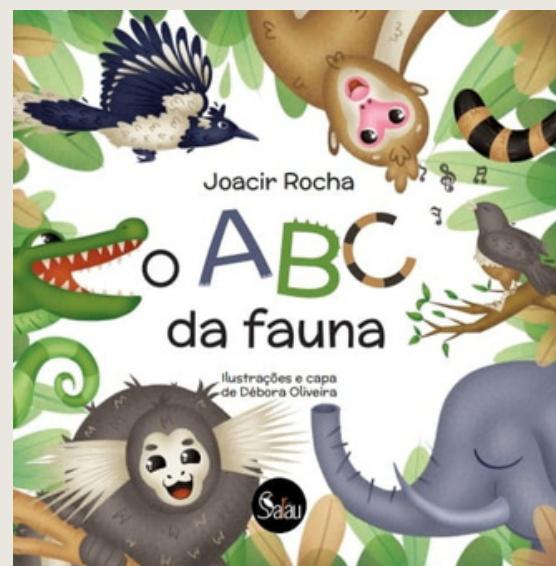
Sei que, neste pecado, deixo de dizer e verbalizo demais o que nem sempre deseja acordar. Existem palavras que querem dormir, repousar em outras já inauguradas, ecoadas em dias de desassossego e penitência. Elas só querem descanso, mas sou excessiva.

Engulo, mastigo, apropio-me, deixo abastar meu estômago e usufruir da minha corrente sanguínea. Permito que as palavras tomem conta de meu hemisfério, de meu corpo e sensações nem sempre purificadas. Elas exalam o melhor dos aromas, dos cheiros e gostos que se misturam e intercalam em minhas partes mais viscerais.

As palavras me consomem e me abarcam. Elas constituem o melhor dos meus apetites, o pior de minha fome, as verdades envelhecidas e as que acabam de nascer, o gozo ao saciar o desejo mais carnal e os imperceptíveis. Desse pecado, sacralizo e infernizo os melhores e os piores dias.

A fome que insiste pernoitar em mim. As palavras que me espreitam, me viciam e me fazem uma faminta por excelência. Elas habitam meu cenário em branco, preenchem meus pratos e minha existência, subvertendo os sentidos do que me traz paz, amor, casulo, ordem e poesia. As palavras desejam sempre mais. E eu também.

Simone Lacerda, caxiense de coração, é graduada e pós-graduada em Letras, com ênfase em Literatura Portuguesa e Brasileira e uma apaixonada por estudar psicanálise, filosofia e artes. Participou do livro *Esse Ofício das Letras*, com quatro textos, e publicou seu livro –solo– *Arame Farpado*, em 2017, por meio do Edital da Secult, pela Editora Caxiense Cult, além de ter contribuído com seus textos para jornais, revistas e sites.



Adquira seu exemplar:

(85) 988794891

Preço: 38,00 com frete grátis



A poesia de Sophia Jamali Soufi

ORGULLO

Esta resistencia
 No es mía
 Sino de un espejo
 Que sin piedad
 Todo de mí
 Contra mí arroja
 El espejo
 Roto, destrozado
 Sin embargo, muestra mi verdad
 Una vez más
 Esa misma verdad rebelde
 Caigo
 Sí
 Pero esta caída
 Es un nuevo respiro
 Para levantarme de nuevo
 Desde el corazón de estas cenizas
 En medio de los espejos rotos
 Se eleva mi nueva fe
 ¿Derrota?
 Esta palabra
 No tiene lugar en mi léxico
 Yo
 Solo
 Volveré a levantarme
 Más rebelde
 Más decidido
 Y esta es la culminación de mi fe ...

ÉXTASIS

Ven
 Aquí
 Junto a esta vieja herida
 que cada vez
 con tu tacto
 vuelve a abrirse
 Quédate conmigo
 antes de que
 esta ciudad
 devore mis últimos alientos
 Tu figura
 esa curva sagrada
 que con cada mirada
 desgarra mis fronteras
 Y yo
 desnudo
 salgo de mi vieja piel
 Tus ojos
 dos pozos infinitos
 dos copas repletas de locura
 que cada vez me llaman
 al escándalo
 Tus labios
 el sabor amargo de lo prohibido
 con el aroma de mil besos inalcanzables
 Cada beso
 es un fuego
 que mi alma
 en cenizas convierte
 En tu abrazo
 todas las fronteras se desmoronan
 y nosotros
 como dos almas
 nos entrelazamos
 y volamos
 hacia la nada ...

GERALDO VANDRÉ: 90 ANOS

A VOZ DE RESISTÊNCIA
E SÍMBOLO DA MPB

Aluísio Cavalcante Jr.



Geraldo Vandré no III Festival Internacional da Canção

GERALDO PEDROSA DE ARAÚJO DIAS, MAIS CONHECIDO COMO GERALDO VANDRÉ, NASCEU EM 12 DE SETEMBRO DE 1935, EM JOÃO PESSOA, PARAÍBA.



Foto: Divulgação

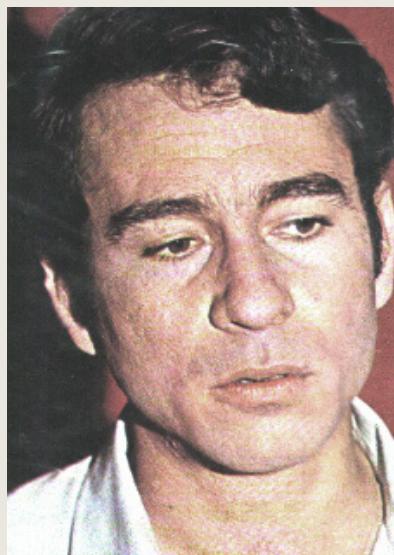


Foto: Divulgação

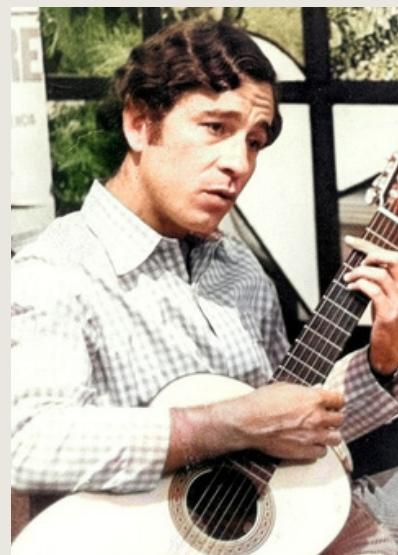


Foto: Divulgação

Neste mês de setembro, ao completar 90 anos, sua obra está sendo revisitada, trazendo a nossa lembrança uma música com estilo único, envolvida com as causas populares e atrelada a resistência popular contra várias formas de injustiça presentes nas sociedades, não apenas em ditaduras, mas também em democracias espalhadas pelo mundo, e ao lado da sua música, a sua história pessoal, envolta em momentos onde sua voz forte e corajosa influenciou gerações, ao enigmático silêncio dos dias atuais, marcado por lacunas indecifráveis sobre o que ocorreu com a sua vida pessoal, fazendo com que deixasse de lado uma trajetória marcante, intensa e impossível de ser esquecida na história do nosso país.

Desde cedo, Vandré foi influenciado pelas manifestações culturais do Nordeste, que moldaram seu estilo poético. No início dos anos 1950 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito e passou a participar ativamente de movimentos estudantis e do Centro Popular de Cultura da UNE, mergulhando na efervescência cultural daquele período.

Vandré lançou seu primeiro disco em 1964 e rapidamente se tornou uma das vozes mais potentes da canção socialmente engajada com as causas populares.

Em 1966, ganhou projeção nacional ao vencer, ao lado de A Banda de Chico Buarque, interpretada por Nara Leão, o Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, com *Disparada* — parceria com Théo de Barros e interpretação de Jair Rodrigues — uma canção que unia sofisticação harmônica à temática social, que usava a figura do boiadeiro para transmitir o sofrimento e a exploração do povo em versos intensos e cortantes:

“Prepare o seu coração / Pras coisas que eu vou contar / Eu venho lá do sertão / Eu venho lá do sertão / Eu venho lá do sertão / E posso não lhe agradar”

Na música *Terra Plana*, presente no LP *Canto Geral*, lançado em 1968, encontramos os versos:

“Não separo dor de amor / deixo claro que a firmeza do meu canto vem da certeza que tenho / de que o poder que cresce sobre a pobreza e faz dos fracos riqueza / foi que me fez cantador”.



Foto: Divulgação

Vandré deixa claro que a arte que nasce a partir da sua vida tem um lado: o lado dos marginalizados por uma sociedade incapaz de construir um país mais justo para todos e todas, utilizando-a como uma forma de enfrentamento e crítica áspera as injustiças presentes em nosso país, e que se perpetuam até os dias de hoje.

Em 1968, no III Festival Internacional da Canção, no Maracanãzinho, Vandré apresentou sua música mais conhecida: Pra não dizer que não falei das flores, também conhecida como Caminhando, uma canção que se tornou símbolo da resistência contra a ditadura militar. O público entoou o refrão em coro, transformando a música em um hino coletivo de resistência a ditadura militar.

**“Vem vamos embora que esperar não é saber /
Quem sabe faz a hora /
Não espera acontecer”**

Apesar do enorme sucesso popular, a canção ficou em segundo lugar, atrás de Sabiá, canção de Chico Buarque e Tom Jobim, resultado que alguns historiadores atribuem a ligações de militares para a Rede Globo, que não aceitavam os versos:

**“Há soldados armados, amados ou não / Quase todos perdidos de armas na mão /
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição / De morrer pela pátria e viver sem razão.”**

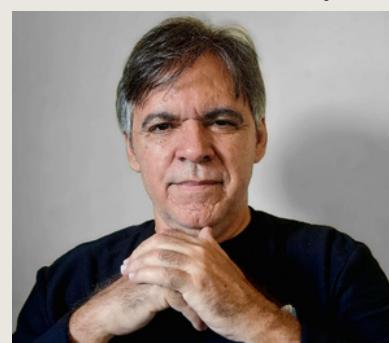
A canção vencedora foi vaiada pela plateia. Registros em vídeo dessa apresentação ao vivo se perderam — existem apenas fragmentos preservados pela Rede Globo, mas não há filmagem completa de Vandré cantando naquele momento histórico.

A canção foi rapidamente censurada pelo regime militar, mas ganhou as ruas, sendo entoada em passeatas estudantis e manifestações políticas em todo o país. Com o endurecimento da repressão após o AI-5, Vandré foi pressionado ao exílio, passando pelo Chile, França e Alemanha. Em Paris, gravou o LP: Das Terras de Benvirá e apresentou-se em programas de TV europeus.

No ano de 1973, Vandré retorna ao Brasil em circunstâncias cercadas de mistério. Desde então, afastou-se gradualmente da vida pública, sendo raramente visto em público ou participando de entrevistas sobre o momento atual da sua arte.

Geraldo Vandré, é um artista marcante em nossa história. Sua música é intensa, panfletária, intensa e forte. Por isso, deve ter sua memória preservada para as atuais e futuras gerações, inspirando uma arte engajada, e porque não dizer revolucionária, tão necessária a todos aqueles que sonham com uma sociedade mais justa, humana e solidária.

ALUÍSIO CAVALCANTE JR. – É graduado em Química, escritor e professor em Fortaleza, Ceará. Integra diversas coletâneas e publicou Coração de Professor é espaço de amizade, Sem você eu não seria, O Menino que colecionava estrelas e A menina que transformava palavras. Atua nas páginas @coracaodeprofessor e @aluisiocavalcantejr. Canções favoritas de Belchior: Espacial, As velas do Mucuripe e Pequeno perfil de um cidadão comum.



CÍRCULOS DE BRIGA

Orlando Amaro dos Santos

Na escola primária, muitas vezes era assim. Durante o recreio, cansados das brincadeiras de sempre – pega-pega, barra-bandeira e 31 alerta – a gente partia para algo mais excitante. Escolhíamos dois colegas, de preferência uma dupla que já sabíamos terem algumas diferenças entre si. Buscávamos um galho de árvore e desenhávamos dois círculos no chão.

—Esse aqui é a tua mãe, e esse aqui é a mãe do outro.

Todo mundo conhecia as regras. A partir daquele momento, eles sabiam que deveriam atacar “a mãe do outro” e defender a sua. Nós queríamos ver briga, e não estávamos dispostos a esperar:

—Ei, ele tá perto da tua mãe, vai pisar nela primeiro.

Valia até empurrar um deles para que pisasse no círculo da mãe do outro. E então vinha a provocação máxima:

—Viu! Pisou na tua mãe. Tu vai deixar assim?

Aí era inevitável. Os garotos se atracavam. Iam ao chão. A poeira subia. Os dois, engalinhados, rolavam no piso de areia e barro. A gente urrava de satisfação, em plena euforia. A roda de expectadores, muito próximos da cena, servia para formar um ringue que atraía a atenção de todos os que ainda não haviam percebido o espetáculo. Ficávamos de olho para impedir a atuação de eventuais “apaziguadores”, que para nós eram apenas “estraga-prazeres”.

O mundo atual me faz lembrar daqueles momentos da minha história. Mas, o que essas lembranças de uma escola primária, no interior de Pernambuco, anos atrás, muitos anos atrás, tem a ver com o presente?

Ao invés de dois círculos no chão, agora temos duas ideias opostas, que assumem a forma de duas bolhas de opinião. Elas abrangem muitos aspectos da nossa vida, mas, embora sejamos todos humanos, elas conseguem produzir perfis totalmente distintos, sem nenhum ponto em comum. Seres absolutamente incompatíveis. Uma bolha definida como o oposto da outra. É o máximo do antagonismo.

Os dois garotos combatentes são os influencers de cada uma dessas ideias, são pessoas, adultos, crescidos, experientes na vida. Eles tomam o centro do ringue e trabalham para destruir o adversário. Cada um considera intolerável a existência do outro lado. Como se um círculo só pudesse existir se o outro fosse totalmente apagado.

O palco e a plateia cresceram. O parque do recreio da escola agora não tem mais limites físicos nem geográficos, migrou para as redes sociais. As bolhas podem estar em qualquer lugar: São Paulo ou Bahia, Região Nordeste ou Região Sul, Brasil ou Estados Unidos. A distância não importa.

O tamanho da plateia tornou-se ilimitado. Os combates podem ter milhões de expectadores nas primeiras filas, os seguidores. Mas podem se espalhar muito mais, alcançando até quem apenas passava perto, ou seja, navegava desocupadamente no seu aplicativo de redes. Milagres do “algoritmo”, que fareja o conflito que engaja. Então, somos atraídos por uma das bolhas... é assim que elas crescem. E, sem perceber, começamos a dar nossos próprios empurões.

O confronto flui por meio de posts nas plataformas digitais. Os socos são desferidos usando palavras. Mas que ninguém se engane. Não ficam restritos ao meio virtual. Quando a efervescência cresce no mundo virtual, invariavelmente espirra para o mundo real. Com violência, desrespeito e decisões que consolidam, no mundo real, os lances do embate virtual.

Às vezes uma das bolhas é como um menino muito mais fraco. Aí a luta assume outro perfil: o de bullying. Um dos garotos é muito mais forte que o outro, e o conflito se torna um massacre que não deixa de ter plateia até mais engajada. Aliás, estudos mostram que os exageros são fortes motivadores para o público. Temos então o desrespeito a minorias, o abuso infantil, o ataque de uma nação poderosa a uma mais fraca.

E, como lá no recreio, apaziguadores não são bem-vindos. Eles são censores, pessoas que restringem as liberdades. Por que querem atrapalhar o espetáculo? Até parecem os monitores que eventualmente apareciam para acabar com nossa diversão!

Olhando para esses novos combatentes, eu voltei no tempo e me vi na roda de colegas, lá no recreio da escola. A roda que impedia que os dois garotos tomassem outros rumos, que os impelia a se digladiarem, que era sedenta de sangue. Eu me vi muito feio nessa roda. Mas eu só tinha 9 anos!

Orlando Amaro dos Santos - Natural de Pernambuco, é escritor e apaixonado pelas letras. (landosan@gmail.com)

ACOS DO SERTÃO

COLUNA DE JOSÉ ROBERTO MORAIS

joserobertos2013@gmail.com

O BOI ZEBU E AS FORMIGAS: UMA METÁFORA

José Roberto Moraes

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido pelo epíteto de Patativa do Assaré, nasceu no dia 05 de março de 1909 na Serra de Santana em Assaré, região do Cariri, interior do Ceará. Filho de Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, ambos agricultores. Aos nove anos ficou órfão de pai e teve que trabalhar duro para sustentar a família. Frequentou uma escola até os doze anos, quando aprendeu a ler. Apaixonou-se pela leitura de cordel e começou a produzir seus próprios versos. Aos dezesseis anos de idade comprou uma viola e começou a improvisar. Faleceu em 2002.

No seu livro “Ispinho e Fulô”, está presente o poema “O Boi Zebu e As Formigas”. Trata-se de um poema extenso, composto por nove décimas com sete sílabas poéticas em cada verso. Nele, o poeta questiona os problemas políticos existentes no nosso país através da metáfora que o intitula.

Para compreendermos uma das finalidades desse poema, faz-se necessário a leitura completa do mesmo, pois o poeta revela sua intenção apenas nos versos finais. Porém, seu título é sugestivo, funcionando como uma metáfora para a compreensão de seu objetivo.

Nesse poema, os políticos são representados pelo boi zebu, já que esse animal possui características semelhantes às agregadas por Patativa do Assaré aos mesmos. O poeta faz um trabalho de personificação com o zebu, quando o presenteia com características humanas, que no poema em questão o fazem ser relacionados aos homens públicos. Dentre essas características, podemos citar: sua grandeza (relacionada ao tamanho) e força, o que os tornam invencíveis, sua indiferença ao que acontece ao seu redor, sua preguiça e comodismo.

Trabalho semelhante o poeta faz com as formigas, que representam o povo. Dentre as características humanas que podemos citar e que as aproximam da classe que representam no poema estão: seu tamanho (pequeno e insignificante comparado ao boi zebu); seu método de trabalho, constante e organizado, no qual todos respeitam as ordens hierárquicas, ocasionando a manutenção do sistema em vigor; a divisão e o período do trabalho, nos quais durante determinada temporada se organizam e trabalham para que no inverno usufruam do resultado do mesmo; a união, já que como cada uma tem consciência de sua função no contexto do formigueiro, as mesmas não brigam, nem mesmo se desentendem.

Escrito numa linguagem popular, as décimas que compõem o poema revelam a preocupação do poeta com sua classe social. O poema é composto por nove décimas (estrofes de dez versos) que retratam a situação enfrentada pelas classes inferiores. Observando a primeira estrofe, percebe-se nas entrelinhas a situação desafiadora em que os párias (as classes trabalhadoras) enfrentam e a tranquilidade e indiferença dos políticos que ocupam o topo da pirâmide social. A ideia mencionada fica explícita no percurso da estrofe.

Um boi zebu certa vez
Moiadinho de suó
Querem sabê o que ele fez
Temendo o calor do sóe
Entendeu de demorá
E uns minutos cuchilá
Na sombra de um juazêro
Que havia dentro da mata
E firmou as quatro pata
Em riba de um formiguêro.

CAOS DO SERTÃO

Nessa estrofe, os políticos são retratados como “grandes” ou superiores. Os versos narram sua preguiça e comodismo. Patativa do Assaré denuncia sua incompetência em gerir os recursos públicos, anunciando que os mesmos “sobem” no povo, representados pelas formigas, por serem pequenas e trabalhadoras. Os zebus se promovem e garantem a manutenção de sua desocupação sobre essas pequenas formigas.

Já na segunda estrofe, o poeta cita o provérbio “a união faz a força” de forma implícita, induzindo os leitores a refletir acerca da organização e união do povo para vencer os obstáculos e problemas sociais que se colocam a sua frente, a união de todos seria a arma exata, pois, “juntos e unidos, os povos jamais serão vencidos” (provérbio popular).

Já se sabe que a formiga
Cumpre sua obrigação
Uma com outra não briga
Veve em perfeita união
Paciente trabalhando
Suas fôia carregando
Um grande inzemptro revela
Naquele seu vai e vem
E não mexe com ninguém
Sem ninguém mexê com ela.

O trabalho organizado das formigas funciona como um exemplo que o poeta nos quer passar. Ele chama a atenção para a sua organização e divisão eficiente, promovendo assim a união e o caráter inofensivo das formigas também é demarcado. Porém, Patativa nos chama a atenção para o fato de que essa parcialidade pode ser comprometida se sua organização for ameaçada, o que nos remete a reação combativa do povo frente aos absurdos que lhes são impostos.

Essa revolta se concretiza de forma sutil na terceira estrofe, culminando em uma rebelião, inicialmente silenciosa. A ideia de manifestação é assim descrita pelo poeta:

Por isto com a chegada
Daquele grande animá
Todas ficaro zangada
Começaro a se açanhar
E foro se reunindo
Nas pernas do boi subindo
Constantemente a subir
Mas tão devagar andava
Que no começo não dava
Pra ele nada senti.

Na quarta estrofe, o poeta relata a disseminação da rebelião, que se espalha por todos os cantos, já que as formigas estão em todos os lugares e possuem as mesmas características, inclusive a inconformidade ao serem prejudicadas, não importando o tamanho e a importância de quem as incomoda. Essa luta pelos direitos ganha repercussão nacional e resistência, pois nessa empreitada, quando os donos do poder (boi) reagem de forma raivosa, dando coices contra as formigas (povo), na tentativa desesperada de amedrontá-las, aparecem mais “formigas” para fortalecer a causa. Essa passagem é narrada da seguinte forma:

Mas porém como a formiga
Em todo canto se soca
Dos cascós até na barriga
Começou a frivioca
E no corpo se espaiando
O zebu foi se zangando
E os cascós no chão batia
Mas porém não miorava
Quanto mais coice ele dava
Mais formiga aparecia.

Na quinta estrofe, o poeta narra o desespero do político ao deparar-se com a manifestação organizada do povo, que agora fazia capaz de superar seu poder e seu controle. O político usa suas estratégias de defesa e ordem, mas elas falham, pois a cada investida sua, suas forças diminuem e a forma da população aumenta. As manifestações continuam e a cada momento aparecem mais pessoas que se unem em busca dos seus direitos. A estrofe mencionada fala:

CAOS DO SERTÃO

Com esta formigaria
Tudo picando sem dó
O lombo do boi ardia
Mais do que na luz do só
E ele zangado as patada,
Mais a força incorporada
O valentão não aguenta,
O zebu não tava bem
Quando ele matava cem
Chegava mais de quinhenta.

Na sexta estrofe, uma voz de liderança surge e convoca todos os injustiçados a se unirem no combate. Essa voz usa o argumento da união para embasar seu clamor, enfatizando que o zebu é um só, portanto, sua força e poder foi alquebrado. Essa passagem reflete o aspecto visionário e engajado de Patativa, que sempre acreditou e defendeu em sua obra, a força popular como capaz de sanar todas as desigualdades e colocar novamente ordem ao caos vivido no contexto do autor. Portanto, essa passagem se caracteriza como crítica política do poeta ao sistema político em vigor nas palavras de Patativa.

Com a feição de guerrêra
Uma formiga animada
Gritou para as companhêra:
“Vamo minhas camarada
Acabá com o capricho
Deste ignorante bicho
Com nossa força comum
Defendendo o formiguêro
Nóis somo munto miêro
E este zebu é só um.”

Ainda analisando essa estrofe, percebemos que o convite feito pela formiga líder permite a interação com as demais. É por meio da sua fala que o poeta se coloca e interage com o público. Percebe-se a aplicação da ideia de Lucien Goldmann (1967) acerca das estruturas cognitivas aplicadas às relações entre o autor e o grupo social, mesmo conceito que Antônio Cândido (2010) mencionou em sua obra como as relações entre escritor e público. Esse poema de Patativa pode ser visto e analisado por esse ângulo, pois nos versos que compõem essa estrofe, percebe-se claramente esse diálogo entre o poeta e a sociedade, comprovado através do uso do verbo “vamo”, na primeira pessoa do plural, refletindo a ideia de coletividade.

Quando acontecem manifestações políticas na sociedade, costuma-se lotar as ruas de pessoas; crianças, jovens, adultos, idosos, deficientes, reivindicando seus direitos. As pessoas param o trânsito das grandes cidades buscando atingir seus objetivos, geralmente ligados a uma sociedade com menos diferenças sociais. Patativa expõe esses fatos na sétima estrofe do poema, sempre usando as metáforas; formiga=povo e zebu=políticos (mandão do podê). O poeta cita até mesmo as etnias diferentes que se misturam e formam o nosso povo que luta unido pelo direito de todos.

Tanta formiga chegô
Que a terra ficou cheia
Formiga de toda cô
Preta, amarela e vremêa
No boi zebu se espaiando
Cutucando e pinicando
Aqui e ali tinha um móio
E ele com grande fadiga
Pruquê já tinha formiga
Até por dentro dos óio.

Como era de se esperar, a união das formigas consegue vencer os desmandos do zebu, representando o povo que conquista a garantia de seus direitos, vislumbrando o conserto do desmantelamento da estrutura social a que pertence. A derrota desses políticos corruptos está representada assim na oitava estrofe do poema:

Com o lombo todo ardendo
Daquele grande aperreio
O zebu saiu correndo
Fungando e berrando feio
E as formigas inocente
Mostraro pra toda gente
Esta lição de morá
Contra a farta de respeito
Cada um tem seu direito
Até nas leis naturá.

ACOS DO SERTÃO

Na nona e última estrofe, o poeta revela sua real intenção, esclarecendo as metáforas usadas para representar os políticos e o povo, narrando também as conquistas garantidas pela luta empreendida pelo povo oprimido, como a defesa de seus lares e comunidades. Por fim, Patativa ainda relembra novamente a importância da união no combate às injustiças.

As formigas a defendê
Sua casa, o formiguero
Botando o boi pra corrê
Da sombra do juazê
Mostraro nesta lição
Quanto pode a união;
Neste meu poema novo
O boi zebu qué dizê
Que é os mandão do podê
E estas formiga é o povo.

Percebe-se ao longo do poema que o poeta é vítima do sistema social sucateado e ineficaz que o cerca, por isso Patativa do Assaré faz uso da arma, a palavra, que possui para modificar essa realidade. As palavras do poeta é o canto do “pássaro liberto” que torna sua obra relevante no contexto social e na literatura engajada.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. Ispinho e Fulô. São Paulo: Hedra, 2005.
CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
CARVALHO, Gilmar de. Patativa do Assaré: Pássaro Libertado. Publicado pelo Museu do Ceará. Fortaleza, 2002.
GOLDMANN, Lucien. Sociologia do Romance. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.



Foto: Divulgação

CASTRO ALVES: O POETA CONDOREIRO

Castro Alves que nasceu
Na vila de Curralinho
Na Bahia onde cresceu
Seguiu logo seu caminho.
Seu pai foi um professor
Era médico e doutor
De nome Antônio José;
Sua mãe Clélia Brasília
Mudou-se com a família
Para a capital do axé.

Pois seu pai foi convidado
Lecionar na Medicina
No Ginásio matriculado
Foi seguindo sua sina.
Ao cumprir cada lição
Demonstrou ter vocação
Precoce pra poesia;
A morte da genitora
Primeira educadora
Acabou sua alegria.

Seu pai casou novamente
Mudou da terra baiana
Um destino diferente
Capital pernambucana.
Ingressou na Faculdade
Ideais de liberdade
Ações abolicionistas;
Envolveu-se em
movimentos
Pelo fim dos sofrimentos
Dos entes escravagistas.

Escreveu “a primavera”
Versos sobre escravidão
E debruçou-se devera
Sobre a causa em questão.
Sua brilhante oratória
Fez parte da trajetória
Publicando no jornal;
Com “o navio negreiro”
O poeta condoreiro
Destaque nacional.

No Teatro Santa Isabel
Uma atriz lhe encantou
Esse bardo menestrel
Por ela se apaixonou.
Eugênia, sua paixão
Despertou-lhe a emoção
Gerando um intenso amor;
Voltaram para a Bahia
Um drama apresentaria
Em prosa, desse escritor.

As “espumas flutuantes”
Exalta amor sensual
Poemas apaixonantes
Sobre a beleza carnal.
Do poeta condoreiro
“Os escravos”, derradeiro
É seu livro inacabado;
Pois o condor bateu asa
Abandonou essa casa
Deixando imenso legado.

José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor arariense. Colunista da Revista Sarau e Membro Fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC). Autor dos livros: “50 Sonetos”, “Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas: uma análise sociológica”, “Fantástico Mundo da Leitura”, “Veredas do Cordel” e “Retalhos do Tempo”; e coautor em algumas antologias.

ENTRE MULTIVERSOS E ESPELHOS: UMA TRAVESSIA PESSOAL POR MUNDOS PARALELOS, DE MICHIO KAKU

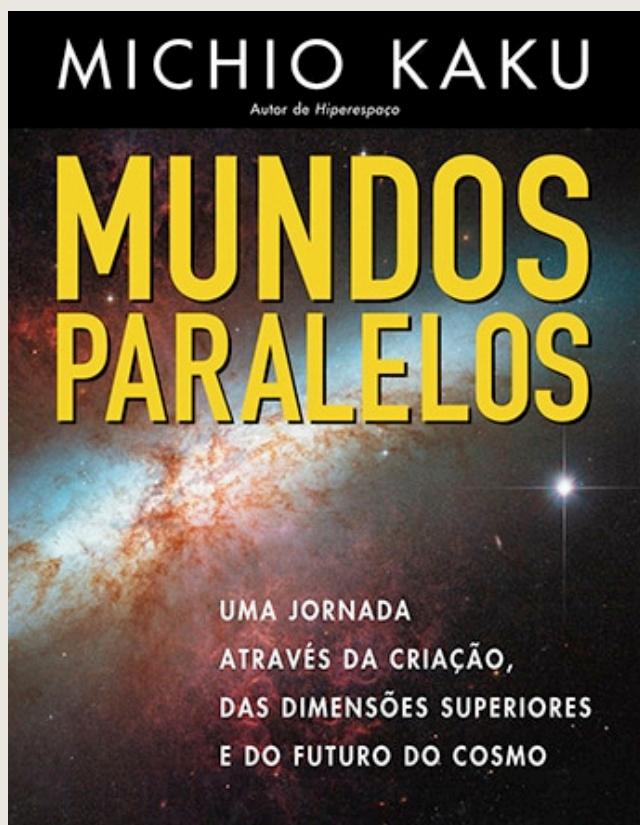
Francisco Mesquita

Confesso: sempre que fecho um livro de Michio Kaku, tenho a sensação de que o chão se desloca suavemente sob meus pés. *Mundos Paralelos* não foi diferente. Ao longo das páginas, mergulhei em buracos de minhoca, dobrei dimensões invisíveis e contemplei, quase com assombro infantil, a ideia de que o universo que conhecemos pode ser apenas um entre infinitos.

Kaku, com sua escrita acessível e didática, nos leva da física quântica à cosmologia, da matemática pura à metafísica com a elegância de um bom contador de histórias — um cientista que sabe que a imaginação é a primeira etapa do método científico. O livro não apenas apresenta a hipótese de universos paralelos, mas a estrutura em três atos da cosmologia contemporânea: o universo de Einstein, o universo quântico e o universo do futuro.

Na primeira parte, Kaku revisita os grandes nomes e ideias da física clássica. Newton, Einstein, a relatividade e a expansão do universo são tratados com clareza e fascínio. Mas é quando ele adentra os domínios da mecânica quântica que a leitura se intensifica e, ao mesmo tempo, se torna vertiginosa. A ideia de partículas existindo em vários estados, em diferentes lugares ao mesmo tempo — e, sobretudo, a possibilidade de que existam múltiplos “eus” — me desestabilizou profundamente.

Como cientista social e psicanalista, estudante de psicologia e leitor apaixonado por filosofia, não pude deixar de pensar nas repercussões humanas dessa teoria. Se existem infinitas realidades paralelas, qual é a importância de nossas escolhas? O que isso nos diz sobre nossa liberdade, sobre nossa solidão, sobre o desejo? Me lembrei de Freud quando disse que o inconsciente desconhece o tempo — seria ele uma evidência psíquica de multiverso interno? E de Deleuze e Guattari, com seus rizomas e linhas de fuga: já não falavam, em outras linguagens, de mundos que se bifurcam?



Mas Kaku não se contenta com especulações filosóficas. Ele nos apresenta a matemática dura, os desafios técnicos e as teorias mais ousadas da física moderna, como a Teoria das Cordas e a Teoria M, onde dimensões extras podem abrigar universos inteiros. É nesse ponto que o livro flerta com a teologia, com a ficção científica, e com o que há de mais profundamente humano: nossa sede de sentido. Como não pensar em Borges e seu conto *O Jardim dos Caminhos* que se Bifurcam? Ou na solidão de quem habita um mundo onde tudo pode ser outra coisa? Em certos momentos, fechei o livro e apenas respirei fundo. Há passagens que nos lançam ao abismo — não da ignorância, mas da vastidão. “E se tudo o que sou for apenas uma versão entre outras tantas, melhores ou piores?”

No entanto, há também uma dimensão política — ainda que sutil — na obra de Kaku. Ele não foge das discussões sobre tecnologia, inteligência artificial e as promessas (e riscos) de uma humanidade que se tornaria interplanetária. A colonização do cosmos, a busca por vida em outros sistemas e a “imortalidade digital” são temas que ele apresenta com entusiasmo, mas também com parcimônia. Como um alerta: o futuro pode ser brilhante, mas também pode ser sombrio se não soubermos usá-lo com ética.

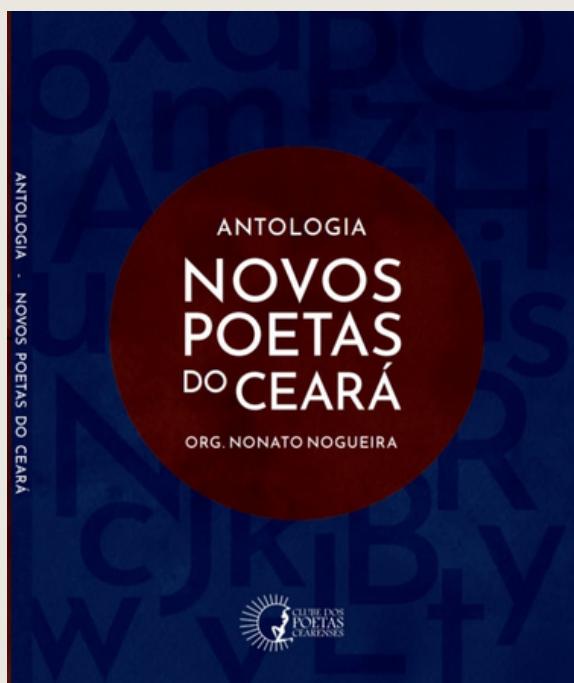
Sugestões de Leitura Complementar:

- O Universo Numa Casca de Noz, de Stephen Hawking
- O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam, de Jorge Luis Borges
- A Insustentável Leveza do Ser, de Milan Kundera (reflexões existenciais sobre múltiplos destinos)
- A Realidade Não É o Que Parece, de Carlo Rovelli
- Cosmos, de Carl Sagan
-

Conclusão

Mundos Paralelos é um convite ao encantamento e à reflexão. É um livro que transforma o leitor. Ao fechar a última página, não saí com todas as respostas — e nem era essa a proposta. Mas saí com novas perguntas, mais urgentes, mais pessoais. Porque, no fim, o universo de Kaku não está apenas lá fora, nas galáxias distantes. Ele também se desenha dentro de nós — em nossas dúvidas, em nossos desejos, em nossas bifurcações silenciosas.

Francisco Mesquita - Cientista social, Assistente social, Psicanalista e graduando em Psicologia



Adquira seu exemplar.

(85) 988794891

35,00

Frete grátis

CONSEQUÊNCIAS DE UM ADEUS

Jasmine Gonçalves

Dizer adeus a quem se ama é retalhar o coração em pequenos pedaços sem a possibilidade de reconstrução. Trata-se de uma despedida de uma parte de nós mesmos, oferecendo abrigo a uma saudade que futuramente tornar-se-á companheira frequente e inseparável. O ato de despedir-se é abrir uma ferida incurável e sem curativos, trazendo consigo uma dor irremediável que ao longo do tempo torna-se apenas um incômodo.

A realidade é que ninguém, por mais sábio ou longevo que seja, sabe lidar com a crueldade de uma despedida, com a consequência de um adeus. Nenhum de nós sabe o peso que é carregar consigo as possibilidades anteriores a uma decisão final até de fato indagar a si próprio o quanto poderia ser diferente, se antes de um ponto final mais uma vírgula pudesse ter sido colocada, e estendido um pouco mais a história. A verdade é que por mais que evitemos ou insistamos em tardar uma partida, persistir em bater uma porta fechada gastando o pouco tempo que nos é oferecido nos impossibilita de encontrar portas recheadas de novas possibilidades.

Tentamos contornar o inevitável quando insistir em uma pessoa errada nos rouba a oportunidade de encontrar a pessoa certa. Não sabemos realmente o tempo certo para cada situação ou pessoa, mas cabe a nós decidirmos se vale de fato a pena continuar em uma situação desconfortável com alguém que obviamente não vale a pena continuar colocando reticências.

O amor tudo suporta até certo ponto. Afinal, pra cada átomo no universo foi criado um limite, e com o amor não seria diferente. O amor é algo que se constrói, mas jamais será algo que se força. Dizer adeus, não é minimizar o efeito da história ou amar menos, é amar a si próprio o suficiente pra saber o valor e a hora de ir embora. Porque se precisamos ir além de nossos limites e fazer força pra alguém ficar, essa pessoa não é pra nós. A verdade é que só vale a pena insistir em alguém que insiste em ficar.

Jasmine Gonçalves – Cronista iniciante e poeta campossalense. Estudante de Ciências Contábeis na Instituição Anhanguera. Coautora em “Vestígios de Amor” (poemas, 2021) e “Sempre choro de saudade na noite de São João” (literatura de cordel, 2020).

MOSAICO CULTURAL

Elaine Meireles - ponchetart1@gmail.com

O Lixo Não Coletado

A tecnologia, através dos meios de comunicação e de suas mídias impressas, eletrônicas e digitais, atualiza a cada instante o cidadão comum e indivíduos das mais variadas faixas etárias, com reportagens, notícias, revistas, cinema, redes sociais, aplicativos, e-books, acontecimentos em tempo real, com seus diversos meios, como o jornal, televisão, rádio e internet. Entre os temas mais comuns, destacados nesses veículos, estão aqueles relacionados a agenda cultural e de entretenimento, decisões e manifestações de cunho político, ações e notícias sobre o meio ambiente.

Contudo, campeã entre esses e outros poucos temas em foco nos meios de comunicação e nas mais variadas mídias, está a **VIOLÊNCIA**. Tema predileto de canais abertos, e também nos canais pagos, todo e qualquer programa da grade de uma rede de televisão, não falta reportagens, com direito a áudios e vídeos dos personagens envolvidos em intrigas entre vizinhos, feminicídios, assassinatos de comerciantes, conflitos agressivos entre estudantes em pleno pátio da escola, corpos em estado de putrefação encontrados em matagais, assaltos seguidos de morte, guerras... enfim, um verdadeiro banho de sangue que escorre por nossos aparelhos de televisão, em pelo café da manhã, almoço, jantar, e de quebra, em plena madrugada.

A predileção pela divulgação de ações desarticuladoras e violentas, encontra adeptos cada vez mais, revelando o lado doentio de nossa sociedade marcada pela forte influência das tecnologias digitais na vida das pessoas. A Sociedade do Espetáculo que se nega a vivenciar e contribuir por um mundo melhor, construindo uma sociedade equilibrada, harmoniosa, igualitária, justa, democrática, já não mais percebe a efemeridade daqueles “15 minutos de fama”, frase atribuída a Andy Warhol, que previa a fama intensamente vazia de qualquer valor, superficial e fugaz.

Recentemente, em 11 de agosto (2025), Belo Horizonte (MG) foi palco de mais um “espetáculo” de uma ação autoritária, discriminatória, cuja insensibilidade, violência, intolerância, ceifou mais uma vida. Alvo da falta de respeito ao ser humano, Laudemir de Sousa Fernandes foi atingido com um tiro no abdômen, que mesmo socorrido, com uma hemorragia interna, morreu no local em que coletava lixo. O assassino, segundo informação, pegou a arma da esposa delegada sem que a mesma soubesse) e praticou o crime, uma vez que o caminhão que coletava o lixo da rua, estava “atrapalhando” que ele passasse com seu carro.

É... o lixo ainda não foi coletado em nossa rua, em nosso bairro, em nossa cidade, em nosso estado, em nosso país.

Elaine Meireles – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, Professora Tutora da UFC/IFCE, Editora e Articulista da Revista Sarau. Autora da Coletânea Lápis Afiado (Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros.); Português – Vestibulares & Concursos. Participação nos livros Vivencias de Leitura – uma análise linguística-literária das obras (org. Lucineudo Machado), Cartas para Belchior, v1 e v2 (org. Nonato Nogueira). Contato: ponchetart1@gmail.com



O SOL

Gerlane Cavalcante

Na janela daquele ônibus, vista a cena, muito bem poética por sinal, eu a observar a paisagem que, aparentemente, se deslocava aos meus olhos, o Sol a me iluminar. Parecia um diálogo, talvez uma troca de olhares. Ele oferecia-me conselhos. Frente a mim, a radiante estrela lançava-me em seus raios, seu calor e sua luz. Aquilo apresentava certa fidelidade, posto que o transporte se locomovia, percorria curvas, e no mesmo ponto, ele permanecia radiante.

À medida que seus longos raios atingiam meu corpo, senti minha alma mais aquecida, iluminada, alegre. Ele parecia dizer-me frases motivadoras, e senti isso, eu deveria realmente sentir aquela luz dentro de mim, e deixá-la transbordar, atingir outras pessoas. Lá no seu ponto permanecia; poucas vezes afastava-se, escondendo-se, mas ainda assim, seus raios atravessavam o vidro e iluminava minha mão.

Parecia querer falar-me da escrita, transmitir fidelidade da escrita. E de fato, toda esta cena no seu enredo, fez-me pensar em escrever, em registrar a poética do acontecimento, em eternizá-lo.

Ao passar uma nuvem, a enorme bola de fogo escondia-se. Entretanto, continuava a espalhar seus raios, com tamanha fidelidade. Isso sinaliza outro conselho: as gotículas de água e de gases impediam toda a sua visibilidade, porém, não findava seu fiel e magnífico show. Sim, não se deve esconder totalmente a alma no passar de uma nebulosidade, aprendi, deve-se guardar e continuar a brilhar, a ser, apenas ser. Aos poucos, ele ia pondo-se.

Acontecia ali um dos belos shows diários, o pôr-do-sol. Eu a procurar Mercúrio, em vão. O sol era determinado e seguro na sua missão de iluminar. O ônibus continuava a locomoção. A grande estrela também, gradativamente chegava à linha do horizonte. Então pensei: talvez ali a nossa conversa findasse, mas no dia seguinte ali estaria novamente o Sol. Com a mesma fidelidade aparece-nos todos os dias. E o incrível é o seu trajeto, admirável, lindo e como!

Aqui está um ponto em que a astronomia discorda. Na realidade não é o Sol que traceja uma mesma linha diariamente, nós que todos os dias realizamos os mesmos movimentos, e voltamos a procurá-lo. Contudo, isso não exclui sua fidelidade, visto que precisamos dele, e dando um giro de 360° o procuramos, e por ser fiel, lá está ele, no mesmo ponto, de onde nunca saiu.

Destaco aqui um curioso paralelo entre o Sol e Deus. Não quero divulgar crença, sequer religião. Desejo aqui retratar a minha experiência com o astro, os pensamentos e emoções que aquilo me trouxe. Pois bem, nas horas difíceis, em geral, nos sentimos sozinhos, sem alguém para amparar, afagar, cuidar e encorajar; afastamo-nos de Deus, certas vezes chegamos a duvidar de Sua existência e do Seu poder. Eis aqui a questão da semelhança, procuramos o Sol, e ele nunca saiu do seu lugar, mas perguntamos sobre a noite. Resposta: sabiamente de forma modesta e solidária, ele está lá, não percebemos, mas a ciência comprova, a Lua cede-nos a luz que reflete do Sol. Traduzindo: na verdade Deus nunca sai do Seu lugar, Ele permanece. Nós que não o procuramos. Outro ponto relevante: as pessoas que discretamente ajudam-nos são como a Lua, às vezes nem esperamos o auxílio, mas vem, e vem como reflexo da Luz de Deus. Seja um conselho, sorriso ou abraço, o Pai Celestial cuida-nos com detalhes e em silêncio.

Vou terminar aqui este registro com muita emoção. Foi um momento daqueles que dá vontade de guardar em uma caixinha, a do “pra sempre”. Outra coisa importante foi que vaguei da poesia, à astronomia, à Deus. Conseguí vincular extremos.

Maria Gerlane Cavalcante – Psicóloga, contista e cronista campossalense. Técnica em Comércio pela Universidade Estadual do Ceará; Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, atua na área clínica, escolar e educacional. Atualmente, cursa especialização em Impactos da Violência na Escola pela Fundação Oswaldo Cruz e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Coautora em “Poetas e poesias” (2011) e “Somos Escritores: jovens que escrevem” (2019).

DE FRATERNIDADE NÃO TINHA NADA: Uma Análise Do Romance “Cacau” E Os Aspectos Regionalistas Na Literatura

Elizaeth Jacira Barbosa

INTRODUÇÃO:

Cacau (1933), é o segundo romance do renomado escritor brasileiro Jorge Amado. Esta obra marca o início da segunda fase do Modernismo no Brasil, e posteriormente esse romance viria a ser conhecido como o “Ciclo do Cacau”, ou “Trilogia do Cacau” de Jorge Amado, que são compostas por: Cacau (1933), Terras do Sem-Fim (1943) e São Jorge dos Ilhéus (1944), ou seja, narrativas que enfatizam a exploração e as inter-relações sociais dos trabalhadores rurais na região cacauíra do sul da Bahia. Configurando-se assim como um romance proletário, com forte viés regionalista e denúncias sociais.

Ambientado no sul da Bahia durante o ciclo da economia cacauíra, o enredo é narrado por José Cordeiro, ou “Sergipano”, personagem central do romance, nosso personagem-narrador é tido como, um jovem de origem burguesa que, ao perder tudo, mergulha na dura realidade dos trabalhadores rurais. Na Fazenda Fraternidade, o protagonista vivencia a exploração semi-escravagista sob o domínio dos coronéis do cacau e ali passa a iniciar sua conscientização na busca por melhorias de vida para os trabalhadores rurais ao qual o nosso protagonista também está inserido. A narrativa traz como destaque a formação de uma consciência de classe por meio das relações vividas na lavoura e do contato com outros trabalhadores.

A obra se alinha ao contexto político-literário da Era Vargas (1930, 1945), refletindo assim os ideais do Partido Comunista Brasileiro e a estética do regionalismo modernista dos anos 1930, Jorge Amado, ao usar a literatura como instrumento de denúncia, valoriza a cultura popular, a resistência e a solidariedade do povo nordestino. As relações entre literatura e política são evidenciadas na intenção do autor de produzir textos como a força de documentos, apresentando-nos uma visão crítica sobre as desigualdades sociais e estruturais da sociedade brasileira.

ANALISANDO A OBRA “CACAU” E OS ASPECTOS REGIONALISTAS NA LITERATURA:

Esta análise evidencia o poder da literatura e de como a obra dialoga com o Modernismo e os movimentos literários dos anos de 1930 a 1945, destacando sua função social como “documento” de denúncia. Além disso, explora a representação do sertão nordestino como espaço de opressão e luta, contextualizado pela política do Estado Novo e pela visão do Nordeste como

“região-problema”. A narrativa da obra de Jorge Amado cumpre um papel ideológico na sociedade ao retratar com honestidade a situação dos trabalhadores no Brasil rural. O uso de uma linguagem popular e o enfoque nas experiências coletivas nos mostram o compromisso do autor com as transformações sociais. Ao analisar a trajetória de “Sergipano”, no romance o autor aborda e revela a crítica implícita à concentração de poder agrário e ao sistema de “aluguel” de pessoas, denunciando a desumanização dos trabalhadores. O cenário é de intensa luta de classes, onde a expansão das ideias socialistas encontrava terreno fértil entre os menos desfavorecidos. Amado, tem como ênfase dele próprio um engajamento político e social, se utilizando da narrativa para denunciar as injustiças e para dar voz aos marginalizados, transformando a obra Cacau (1933), em um romance proletário, onde se reflete a tensão entre o poder dos latifundiários e a crescente conscientização social dos trabalhadores, que por sua vez começam a se questionar e a resistir à sua condição de servidão.

A epígrafe inicial, por sua vez, já aponta a intenção do autor: “Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade [...]” (Rio, 1933), demonstrando que a estética narrativa está a serviço de uma causa política, mas é por meio da ambientação nordestina, que Jorge Amado contribui para a valorização da identidade regional dentro do projeto modernista brasileiro, ao mesmo tempo em que promove o engajamento político por meio da ficção literária.

O romance propõe uma ruptura com os modelos literários anteriores, incorporando o discurso das classes populares. A migração para Ilhéus, a fome e a desigualdade vivida no espaço urbano reforçam o contraste entre a promessa da modernidade e a realidade da exclusão. O romance, é conduzido em primeira pessoa pelo personagem central José Cordeiro, mais conhecido como Sergipano, sua trajetória é o fio condutor da trama, revelando a dura realidade dos trabalhadores rurais da fazenda fraternidade. Sergipano, que outrora desfrutou de uma condição social mais confortável, vê sua vida mudar drasticamente após a morte de seu pai e a perda de sua herança, sendo forçado a se tornar um trabalhador braçal nas fazendas de cacau de seu tio. Essa mudança de status o coloca em contato direto com a exploração e a miséria que assolam a maioria dos personagens da obra. O cotidiano nas fazendas é marcado por jornadas exaustivas, salários irrisórios e a constante ameaça da violência dos capangas dos coronéis. A obra apresenta uma galeria de personagens que representam as diversas facetas da vida no campo, sendo eles: Manoel Flagelo, Magnólia, e

outros trabalhadores que, cada um à sua maneira, enfrentam as adversidades impostas pelo sistema. Sergipano, ao longo da narrativa, emerge como uma figura de resistência, um representante do proletariado que, apesar das dificuldades, busca a dignidade e a justiça para si e para seus companheiros. Sua experiência pessoal se entrelaça com a denúncia coletiva das condições de vida e trabalho, transformando-o em um símbolo da luta contra a opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em síntese, Cacau (1933), de Jorge Amado transcende a mera ficção para se consolidar como um poderoso instrumento de denúncia social e um registro histórico da realidade brasileira na década de 1930, e é através da trajetória de José Cordeiro e da sua representação vívida das condições de vida e trabalho nas fazendas de cacau, que Amado expõe as injustiças, a exploração e a luta de classes que marcaram aquele período. A simplicidade de sua narrativa, aliada à profundidade dos temas abordados, confere à obra um caráter atemporal, que continua a ressoar na contemporaneidade, com seu caráter socializante e sua defesa mediante aos oprimidos, servindo de inspiração para diversos autores e movimentos artísticos.

Na atualidade, o romance Cacau (1933), reside em sua contínua convocação política à ação concreta, mostrando que as questões de injustiças sociais e explorações do trabalho permanecem relevantes e necessitam de constante reflexão e combate. A narrativa de Cacau (1933) não é apenas um romance; é um convite à reflexão sobre as estruturas de poder, a dignidade humana e a necessidade de transformação social. Sua influência no cenário literário e sua capacidade de provocar o debate sobre questões sociais urgentes, reafirmam a genialidade de Jorge Amado e o legado duradouro de sua obra.

Além disso, Cacau (1933), se destaca como exemplo de como a literatura pode atuar como denúncia social, aproximando o leitor da vivência dos marginalizados. A aliança entre intelectuais e Estado durante o período é criticada na obra, que apostando em uma transformação da chamada; “de baixo para cima”, protagonizada pelos próprios trabalhadores.

REFERÊNCIAS:

- ADONIAS FILHO. Sul da Bahia: Chão de cacau. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- AMADO, Jorge. Cacau. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.
- AMADO, Jorge. Cacau. Ilustrações de Santa Rosa. 52. tiragem. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. A Revolução de 1930 e a Cultura. Abril de 1984.
- Fundação Jorge Amado. Disponível em: <https://www.jorgeamado.org.br/sobre/>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- LEITÃO JÚNIOR, Artur Monteiro. As imagens do sertão na literatura nacional. Terra Brasilis, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- PLANO CRÍTICO. Crítica | Cacau, de Jorge Amado. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-cacau-de-jorge-amado/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

Elizaeth Jacira Barbosa - Pesquisadora de Literatura Brasileira contemporânea, licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, Campus Avançado de Assu), título defendido pelo TCC sobre a obra Tarto arado, de Itamar Vieira Junior, trabalho orientado pelo Professor Doutor Gustavo Tanus.

SONETO DO ENCANTO

Silvane Silveira Fernandes

No outono, almejava voar;
Em tons laranja, bosque a mudar.
Diante do sol poente, contente,
Pensando na afeição se encontrar.

O calmo amor chegou na primavera;
Entrelaçados, pudeste crescer
E, entre os beijos, amadurecer
As folhas caem neste amanhecer.

Naquele gesto cheio de ternura,
No singelo toque, um desejo.
A partir daquele beijo, gracejo.

Em seus braços, me vejo suspirar;
Fulgor em seu olhar que fez encantar.
No anôitecer, contigo vou estar.

SONETO DO DESENCANTO

Silvane Silveira Fernandes

No dia do encontro, certeza.
No próximo encontro, paixão.
Assim que me vejo, desespero
Norteia minha mente: ilusão.

Na saudade, mantendo o amor;
Em pensamentos, levo à amplidão.
Suspensa no ar, a razão,
Cheia de esperança: a desilusão.

Assim que vejo, recomeço.
Um pouco de carinho, resplandeço.
Na assertiva do desejo, me deixo.

Esse amor não gera frutos,
Sem vontade de continuar,
A esperança se perde no ar.

Silvane Silveira Fernandes, mora em Ponta Grossa, Paraná, advogada e escritora, pós-graduada pela Escola da Magistratura do Paraná. Casada e mãe. Escritora com três livros publicados e inúmeras inserções em antologias literárias. Acadêmica e personalidade literária 2024 pela @academia.aiente. Com textos publicados nas revistas: Ecos da Palavra nº 25 e 26; Revista Literária Inversos, n. 29 em homenagem ao dia Mundial da Poesia e n. 30 em homenagem aos poetas Luiz Gonzaga e Araújo Borges; Revista Ler e Ser edição especial Dia das Mães, Editora Palavras Mágicas; Revista Navalista; Revista LiteraLivre n. 50 e n. 52, Revista Epifania n. 01, Revista Vinça Literária n. 04, Revista Mâes que Escrevem 16ª edição. Com três livros a serem lançados em 2025, dois de poesias, um pela Kotter Editorial e outro pela Vinça Literária Editora; e um infantil pela Filos Editora.

CONSIDERAÇÕES SOBRE TEXTO LITERÁRIO

Renata Barcellos (BarcellArtes)

O último mês foi de polêmicas no cenário cultural e político. Estou acompanhando nas redes sociais as diversas posições e argumentos utilizados. Quanto ao último, sou avessa a discussões desta natureza. Já, no que se refere a primeira, enquanto professora, pesquisadora e escritora, sinto-me no dever de tecer algumas considerações. Antes disso, ao me reportar a alguns pesquisadores sobre o fato, parte deles declararam não ter conhecimento da “frase do momento”: “ITAMAR, ERNAUX E FERRANTE SÃO INTERESSANTES, MAS NÃO LITERATURA” (Aurora Bernardini). Como? Diversas considerações foram e estão sendo tecidas nas redes sociais....

De acordo com Claudio Daniel (poeta, romancista, crítico literário e professor), Aurora Bernardini (professora aposentada da USP e tradutora renomada de italiano, inglês e russo) é uma “das mais respeitáveis vozes da crítica literária, tradução, ensino e pesquisa da literatura em nosso país, com imensa contribuição no ensino universitário, na tradução de autores russos e italianos, como Khlébnikov e Ungaretti, além de sua importante lista de publicações -- artigos, livros, ensaios. É possível concordar ou não com as suas recentes opiniões publicadas em um jornal de São Paulo (eu concordo em gênero, número e grau), mas destratá-la com ironias mesquinhas nas redes sociais é desprezível e revela apenas a ausência de argumentos de quem não está habilitado a participar de um debate de ideias sério.

No fundo, revela a fragilidade daqueles / daquelas que se sentiram atingidos, por saberem que os seus escritos têm pouca qualidade estética, ainda que sejam indicados em listas de semifinalistas de concursos viciados, que há muito tempo não se preocupam com a qualidade da escrita. Embora desnecessária, deixo registrada aqui a minha solidariedade a Aurora Fornoni Bernardini”. Entrevista com o crítico literário disponível em: https://www.youtube.com/live/le0ylErAWSA?si=C_AkzeJEgXZV-QNn

A partir de toda minha formação acadêmica e prática pedagógica da Educação Básica à Superior, destaco algumas questões: ao privilegiar o conteúdo em detrimento da forma, a literatura contemporânea seria de “qualidade inferior”? Será o problema **COMO** se escreve ou **FORMA** que se lê. Esta ratificada por pesquisas quanto ao mau desempenho de competência leitora e escrita. Assim, fica o questionamento: o texto foi mal redigido ou o leitor não tem “maturidade” para lê-lo? Sendo isso ou não, o fato é, segundo Teresa Ailvestre: a literatura é “sempre guerra. Guerra com as palavras, que nunca se deixam domar; com as ideias, que resistem ao contorno; com as estruturas, que se fecham e se abrem ao mesmo tempo. E, mesmo quando julgamos ter terminado uma frase, um período, um texto, o combate apenas se suspende — para logo recomeçar”. Exemplo: Guimaraes Rosa, escritor mineiro, utiliza os seguintes recursos expressivos: melodia, na harmonia, no ritmo do texto, neologismos a partir de expressões regionais mineiras e mesmo de estrangeirismos, metáforas e imagens expressivas, ironia, a ambiguidade, o paradoxo... Além de surpreender o leitor pelas reviravoltas na narrativa, dialoga com a metafísica e as filosofias orientais.

Outra questão a ser refletida: urgência da discussão teórica das fronteiras: literário e não literário, crônica jornalística e literária, artes plásticas e poesia visual, crônica jornalística x literária... Sabe diferenciá-los?

Ao longo da historiografia literária, vale ressaltar quantos autores foram cancelados, apagados... e, na contemporaneidade, como ainda o são. Conforme Ezra Pound: Literatura é “novidade que permanece novidade”. A lista é extensa de autores que em sua época tiveram a qualidade de seus textos posta em dúvida: Oscar Wilde, Nelson Rodrigues, Marguerite Duras, Jean Genet, Lima Barreto, Hilda Hilst, Jorge Amado e... Clarice Lispector. Por exemplo: Nabokov sobre Dostóievsky: “A falta de bom gosto do Dostóievsky, seus relatos monótonos sobre pessoas sofrendo com complexos pré-freudianos, a forma que ele tem

de chafurdar nas trágicas desventuras da dignidade humana – tudo isso é muito difícil de admirar”. E Emerson sobre Jane Austen: “Os romances da senhorita Austen me parecem vulgares no tom, estéreis em inventividade artística, presos nas apertadas convenções da sociedade inglesa, sem genialidade, sem perspicácia ou conhecimento de mundo. Nunca a vida foi tão embaraçosa e estreita.”

Até na área das artes plásticas houve e há cancelamento como o Impressionismo que levou quase cinquenta anos para ser considerado arte. Segundo os críticos da época, os pintores só sabiam pincelar suas “impressões”, sem técnica alguma. Picasso e Braque foram acusados de fazerem “cubinhos”, daí o título nada lisonjeiro de “cubistas”. Duchamp é acusado até hoje de ser o patrono da destruição da Arte... Já, nas literaturas, a própria Clarice Lispector fez questão de dizer que “ONDE ESTIVESTES DE NOITE” e “A VIA CRUCIS DO CORPO” não eram literatura. Quanto a este, ela própria se encarregou de dizer que não era literatura, era “LIXO”. Já referente àquele, ela declara a “ANTILITERATURA DA COISA”. Outro autor fpo Augusto de Campos. Muitos poetas versejadores afirmam que este não era “poeta”. Ele próprio abjura a poesia, propondo uma “DESPOESIA”..

Cabe dizer que o “Mercado” é o principal balizador. O escritor precisa “entrar no circuito” para ser visto... Para isso, precisa ser editado por uma grande editora, a fim de colocá-lo em destaque na imprensa, nas vitrines das livrarias, nas festas e concursos literários. Tudo isso compõe o Sistema Literário. Quem são e qual a formação dos “profissionais” que selecionam quem será editado por uma grande editora? Ao eleger um grupo de autores e obras como mais conhecidos, outros serão excluídos do circuito. Dessa forma, a visibilidade de determinadas obras (e seus autores) está relacionada à invisibilidade de outras. Ao longo dos séculos e das escolas literárias, quantas obras e autores foram e ou estão “cobertos pelo manto” da invisibilidade? Cada vez mais, isso me faz refletir sobre o papel da crítica literária, dos jornais literários cujo espaço era destinado a diversas questões literárias: jornalismo x ficção, prazer e reflexão, resenha...

De tudo que li e ouvi sobre as considerações da professora Aurora Bernardini, independente do posicionamento de cada um de nós, cabe reconhecermos a urgência de uma reformulação no “sistema literário”, nos juris dos concursos literários, nas programações das feiras literárias, na formação dos professores e críticos, na melhora das competências leitora e escrita, na abertura e no funcionamento de bibliotecas públicas, no acesso a livros, no retorno de jornais literários de qualidade, no domínio de gêneros literários diversos... Dessa forma, se formarmos um bom leitor, emanará um ESCRITOR. Seu texto terá CONTEÚDO E FORMA. E, assim, o nascer de textos literários e o reconhecimento de autores de boa qualidade. DIGA NÃO AO CANCELAMENTO CULTURAL!!!

Para concluir, cito Derrida sobre “Essa estranha instituição chamada literatura”. E deixo para reflexão seu pensamento quanto à impossibilidade de classificar previamente valor negativo ou positivo desta instituição “estranha” que torna também impossível qualquer julgamento estético (ou moral) definitivo. A partir destas breves considerações e das polêmicas acerca do texto literário, estará este estudioso certo?

Renata Barcellos – professora NAVE RJ e pesquisadora de Literaturas.

ÍMÃS

Rangel Flor

Começaram em gozo. Atraídos pelo destino. Não perceberam que nada é por acaso. Os corações vestido de vermelho seguiam no mesmo passo. Era uma explosão de ritmo em uma dança, estavam sincronizados. Tomados por um desejo incomum. E como uma tocha ardente explodiu no ventre. Um fogo vivo e caprichoso.

No fim, eram apenas dois corpos suados. Quase desfalecido e sem roupas sobre um sofá. O relógio da sala badalava meia- noite. Logo se despertaram para mais uma erupção.

Rangel Furtado Flor. Escreve crônica, romance, poesias e artigo científico. O autor do Livro Luto Coletivo é Natural de Pentecoste, funcionário público. Formado em enfermagem e ciências religiosas.

O BURACO DE DENTRO DE ANA MÁRCIA DIÓGENES

Leide Freitas

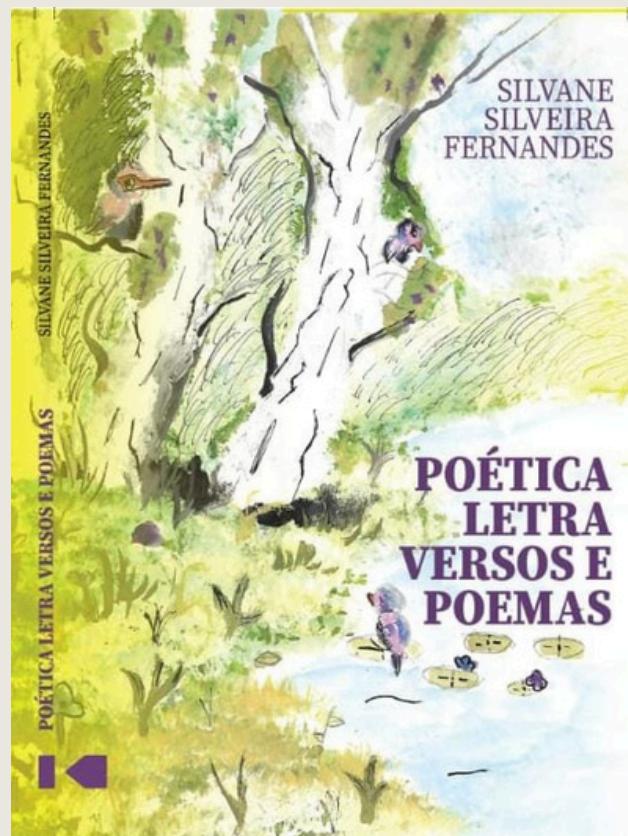
O BURACO DE DENTRO mostra a vida desumana dos moradores de rua, o desamparo total, nenhuma ajuda do poder público. Vive-se como animais abandonados à própria sorte. A crueldade humana em toda acepção da palavra. Refugos humanos que não tem como escapar da própria miséria e diante da crueldade dos seus algozes a morte parece ser a única saída. A leitura foi dolorida. Lágrimas, raiva, impotência e indignação se misturaram dentro de mim. A escritora conta com riqueza de detalhes uma saga de uma família que não teve muitas oportunidades na vida. Uma desgraça que leva a outra e vai perpetuando um ciclo de pobreza do qual, por força das circunstâncias, não se consegue sair sem ajuda do poder público.

Leia você também e faça sua própria avaliação.

PÔR DO SOL

Precio me acostumar com o adeus solar
concordei rápida e levemente ansiosa
ao apreciar a brincarem lentas
as meninas, nuvens cor-de-rosa
no amplo céu de anil antes do anoitecer.
A fresca brisa corria nos campos antigos
como filhotes de cabras montesas
entre montanhas procurando abrigo
e apreciando o cheiro dos eucaliptos.
Olho o pôr do sol ainda reluzente
Que me faz brilhar e rejuvenescer
ainda brincando de esconde-esconde
entre as montanhas ao entardecer.
Aprecio o vento fresco nos cabelos
e na linha do horizonte tento acompanhar
o adeus solar que caminha lento
e vai chorando quando quer ficar.

LEIDE FREITAS. Cearense. Capistrano-Ce. É membro do Coletivo Escrevientes, Mulherio das Letras Ceará e Poexistência. Obras: Reflexões íntimas - 2023 (Caravana), A casa da colina e o mistério dos jovens desaparecidos - 2023 (Amazon) e O Tempo é Mulher-2024 (Amazon), Em tempos de pandemia - 2021 (Amazon) e O Diário de Sabrina - 2018 (SEDUC-CE). Instagram: @leidefreitas.escritora.



Silvane Silveira

Silvane Silveira Fernandes, mora em Ponta Grossa, Paraná, advogada e escritora. Casada, mãe. Autora do livro Um romance em Marselha, Editora Proverbo. Participa de inúmeras antologias, coletâneas e revistas literárias; acadêmica e personalidades literária 2024 pela Academia Interamericana de Escritores. Primeiro lugar no Concurso Nacional PoeArt de Literatura 2024, homenagem ao Poeta Mano Melo. Participou das Antologias Infantis: Meu Livro de Histórias e No Mundo da Imaginação, Editora Holandas; Conto Natalino O Natal de Nina, Revista Internacional The Bard, 28º edição.

FLOR AMARELA

Virgínia Pastore

Outro dia enfadonho começa.
O mesmo trajeto de ônibus, as mesmas pessoas.
A mesma rotina tentando esmagar meus ombros
cansados.
A pequena flor amarela brota no meio do asfalto
quente.
Um ponto de luz e cor, um respiro de natureza que
resiste que resiste.
Por um segundo, me fez pensar em tudo.
Nas coisas que deixei de fazer por medo.
No tempo que perdi esperando, e nas coisas que
perdi por não esperar.
Das decisões que não quis tomar, e de qualquer
maneira me machucaram.
De como o mundo gira e nunca me permite estar no
mesmo lugar.
Passo na banca da senhorinha que vende flores e
compro um pequeno buquê colorido.
Não preciso de uma data especial, ou de um dia
específico.
A florzinha no asfalto fez lembrar que estamos vivos,
e que o viver é urgente, é hoje.

Virgínia Pastore – nascida e criada em Cachoeiro de Itapemirim. É escritora, poetisa, colunista, coordenadora de núcleo no Coletivo Escritoras Cachoeirenses, e se arrisca na Fotografia nas horas vagas. Publica seus textos desde 2017 nas redes sociais e, em 2021, passou a publicar os seus livros de forma independente.

MATHEUS, O AVÔ E A CARROÇA

por Natalia Cristina Barroso Lima
& Matheus Levy Oliveira Lima

O livro conta a história de Matheus, um menino que mora com o avô, Seu João, em uma modesta casinha na zona rural.

Apesar dos poucos recursos materiais, ambos compartilham uma vida marcada pelo amor, pela cumplicidade e pela alegria.

Além de cuidar de diversos animais, Seu João dedica-se a transmitir ao neto valiosos ensinamentos, entre eles a importância da educação e do respeito ao próximo.

Durante os percursos de carroça pelas estradas do interior, o ancião aproveita cada momento para ensinar ao menino expressões de cortesia.



NATALIA CRISTINA BARROSO LIMA (AUTORA) - A profissional é membra efetiva da Academia de Letras e Artes de Fortaleza (ALAF) desde junho de 2025. É autora do livro infantil "Sara, a menina que não para". Apresenta uma sólida trajetória acadêmica e profissional. É graduada em Pedagogia -FAEPI, cursa atualmente as graduações em História - UECE e Serviço Social. Possui diversas especializações nas áreas de educação, gestão e ciências humanas, além de ampla formação complementar. É professora efetiva da rede municipal de Paraipaba – CE, atuando como diretora pedagógica em uma Escola Municipal de Tempo Integral – EMTI. A autora reúne experiências significativas na gestão escolar e na docência da educação básica e superior.

Sua trajetória revela um forte compromisso com a educação e com a valorização do conhecimento, unindo teoria e prática com sensibilidade, ética e competência nos contextos educacional e social.

MATHEUS LEVY OLIVEIRA LIMA (COAUTOR) - Tem 9 anos e cursa o terceiro ano do Ensino Fundamental. É uma criança curiosa, participativa e dedicada, que se destaca em diversas atividades escolares pelo entusiasmo e pelo compromisso em tudo o que faz.

SINGELAS ALEGRIAS

Mariana Avelar

Durante a jornada da vida há pequenos detalhes, singelas alegrias que nos fazem bem
 Como ouvir uma música conhecida,
 Como sentir o aroma de café fresco,
 Como ganhar o primeiro pedaço de bolo.
 Eu poderia te comparar a essas singelas alegrias mas, o espaço que você ocupa é na verdade incomparável e admirável.
 Você inconscientemente proporciona muitas emoções,
 Me desperta afetos,
 Me faz pulsar.
 Todos os meus problemas somem quando você está por perto, você não os resolve, entretanto, perto de você eles parecem diminuir.
 Tuas palavras tem soado como leves toques em minha alma,
 Teus abraços como promessas de paz,
 Tuas piadas como respiro após longo tempo de apneia.
 Ah! Pudesse tu estar perto mais vezes, ou todos os dias.
 Eu os compartilharia com você.

ANDO APRENDENDO

Mariana Avelar

Para mim o amor pode ser traduzido em poesia
 E o ódio em um vaso de cerâmica
 As palavras têm gostos, como doce e amargo,
 E os lugares são mais do que espaços, podem ser sentidos.
 Falo o que penso,
 Sinto o que falo,
 Sinto o que penso e penso em tudo que eu sinto.
 Tenho expressado para o mundo tudo que eu sou,
 E me esforço para ser fiel ao que expresso!
 Viver é como uma caixa surpresa, e eu ando tentando entender,
 Ando buscando aprender.
 A tristeza e sua sinfonia,
 A raiva e sua melodia,
 A alegria e sua companhia.
 Às vezes não entendo nada, mas vivo aprendendo!
 Um depende do outro, sabe?
 É impossível aprender sem viver, assim como, é impossível viver sem aprender.

Mariana Avelar - Graduanda de Psicologia. Acredita que a poesia é mais que arte, é uma forma de expressar o que sentimos e quem somos.

DESENCONTROS

Nazaré Rocha Cosmo

Te procuro, me perco...
 Se me acho, tu te escondes!
 Tantos desencontros causam-me tormentos.
 Noites e dias te busco nos sonhos, em meus pensamentos.
 Quero acabar com esta angústia.
 Andar com a certeza de que irei te encontrar.
 Me perco...
 Me acho...
 Te procuro...
 Um dia, talvez, te encontre.

INSANA

Nazaré Rocha Cosmo

Sou eu, carne em tua carne,
 Debruçada sobre teu peito,
 Desnuda de roupa e de mim.
 Entrego a ti meu corpo...
 E tu penetras em minha alma como um raio de luz atravessando uma fenda.
 Tuas mãos, cheias de carinho, sobre meu corpo deslizam,
 Espalhando carícias com cheiro de flor.
 Meus olhos em teus olhos.
 Tua boca em minha boca.
 Uma loucura misturada em cor,
 Vendo-te ao observar este quadro cujo tema é AMOR.

Nazaré Rocha Cosmo – natural de Itapajé, reside em Itapipoca-CE. Educadora, Multiartista, Agente Cultural. Graduada em Pedagogia e Licenciatura em Artes Visuais. Cursa Pós-Graduação em Psicologia e Educação. Atua em projetos que integram arte, leitura e identidade em territórios diversos pelo interior do Ceará. Fundadora da Academia de Letras de Itapipoca (ALITA – Cadeira Nº 09). Seu trabalho cruza caminhos entre Dança, Teatro, Poesia, Educação e Memória Viva.

Contato: nazarethrochacosmo@gmail.com

VOZES DA LIBERDADE

(Em memória de Castro Alves)

Maria Patriolino

Na pena ardente do jovem poeta,
Nasceu um grito, um fogo, um clamor,
Palavras como lanças inquietas,
Rasgando as sombras do opressor.
Falava de correntes e feridas,
Mas com a alma acesa de esperança,
Seu verso erguia tantas vidas,
E em cada rima, a alforria dança.
Cantava os navios negreiros,
Com olhos molhados de dor,
Mas sonhava céus mais verdadeiros,
Onde o amor vencesse o rancor.
Não viveu mais que breves dias,
Mas foi eterno em seu papel:
Fez da poesia rebeldia,
Fez do papel, um céu de mel.
Na praça, no campo, no peito,
Ecoa ainda sua canção:
Que não há poder mais perfeito
Que o da justiça em cada mão.
Oh, Castro Alves, chama acesa,
Queimando o véu da escuridão...
Tu foste a flor da natureza,
No tempo árido da escravidão.



Maria Patriolino é uma escritora e poetisa brasileira, natural de Sobral, no estado do Ceará. Desde o início de sua carreira literária em 2020, quando publicou uma autobiografia, Maria tem se destacado como uma voz importante na literatura cearense. Sua obra é marcada pela sensibilidade e pela rica tradição cultural nordestina, refletindo suas vivências e a "herança de sua família".

PASSAGEM

Gabriel Gonçalves Falcão

Eu a amei durante a mais bela manhã,
a qual me confiou teu peito como moradia.
Como não amá-la em um turbilhão, em uma tempestade,
um furacão?
Eu a amei em completo devaneio,
em uma realidade que não saberia distinguir de sonho.
Por que, então, não a amaria em choro, lágrimas, aflição,
qualquer mal que ousasse atacar vossa mente e coração?
Amar transcende palavras e sentimentos,
ao vocabulário escrito e falado.
Então não seria um erro buscar um sinônimo
que se assemelhasse com tal ação.
Não poderia haver outro como "dedicação".
São várias outras expressões que se poderia usar,
a exemplo de "cuidado", "atenção", mas, se pensar...
nada engloba tão bem quanto "dedicar".
Dedicar-te, amar-te e sonhar-te como bem desejo,
algo mais profundo do que palavras
e mais silencioso do que um beijo.
Mais dourado do que o tempo,
se assim me lembro, é o que desejo.



Gabriel Gonçalves Falcão é professor, poeta e pesquisador. Autor do livro de poesias Primeiro Amor, Razão e Poesia (2022), é licenciado em História e Pedagogia, com pós-graduação em Filosofia e Historiografia Brasileira. Atualmente, integra o programa Memórias das Secas, voltado ao estudo e preservação das experiências históricas e sociais do sertão.

ESCOLHAS

Miriam Pina

Abrir estradas
Ou enveredar por trilhas
Já abertas, sem surpresa ou susto?

Mergulhar no novo
Inda que haja risco,
Encarar medos, driblar desafios?

Buscar a fonte,
Contra a correnteza
Ou nadar leve pelo amigo rio?

Andar sozinho
Ou em caravana?
Rasgar o verbo ou conter o grito?

Assumir o pranto,
Causa ou resultado,
Mas forjar o riso
E seguir com brio!

TEMPO-ESPAÇO

Miriam Pina

Grilhões e correntes
Do meu passado
Se desintegraram
À força da Luz.

Fechou-se a porta do tempo:
Tudo é AGORA
Abriu-se a porta do espaço:
Estás AQUI.

MIRIAM PINA – natural de Santa Rita (PB), atualmente morando em João Pessoa, escritora, pesquisadora, professora. Viveu 11 anos na África (Angola, e Zâmbia), onde trabalhou como intérprete e tradutora para a United Nations Angola Verification Mission (UNAVEM) – Missão de Verificação do Processo de Paz da ONU. Com o esposo, Roberto Pina coordenou o Projeto Pró-Vita, em Luanda. Columnista de crônicas da Revista Cidade Nova (SP). Publicou “Estressilda, a formiguinha estressada”, “Sonho, Sol e Chama”. Contato: myrapereira@gmail.com; Instagram: 19miriampina52

INSANIDADE DE UM SONHO

Renato Bruno

Em meio ao assombro de não saber se estou a sonhar dormindo ou acordado,
Poderia ser capaz de jurar que era real,
Cada detalhe do sonho era nítido que em tudo se fazia luz
Pelo singelo fato de estar em tua presença.
Aqueles instantes eu diria que são os melhores dos meus últimos tempos.
Eu fiz a janta como sei que agrada ao teu paladar, tinha nossa coca.
Eu fiz o molho branco como que fazia uma obra arte, analisando cada ingrediente
Como que cada sabor pudesse te agradar, te fazer ficar.
Tudo feito para que eu tivesse momentos incríveis estando contigo
Feito com todo o requinte que um coração apaixonado possa transmitir para
As mãos que pudessem representar o significado teu.
Não sei se era sonho ou se era real.
Sentindo esvair-se por minhas mãos como quem tenta segurar a água e
Com o coração saindo pela boca, com uma vontade imensa de justamente
Querer beijar tua boca, sentir teu toque e me fazer sentir-me vivo, mesmo
Sem saber se sonho acordado ou mesmo dormindo.
Independente do sonhar, é nítido que em minha memória tudo que eu possa
Querer imaginar ser feliz sendo de verdade, é em absoluto, com você ao meu
Lado, uma vez que em qualquer hipótese que seja para que minha alma possa
Sorrir de verdade tenho que estar contigo nem seja em sonho.
Dormindo ou acordado Eu Amo Você!

Renato Bruno Vieira Barbosa, Bacharel em Direito, Formado em Gestão de Tecnologia da Informação. É Professor Universitário na Unip - Universidade Paulista no Curso de Gestão de T.I. Também é Professor do Curso de Direito da FAECE. Pós Graduado em Metodologia da Docência para Nível Superior. É Membro da Comissão Comunidade Escola pela OAB-CE.

LITERATURAS CONTEMPORÂNEAS: ALGUNS ASPECTOS

Renata Barcellos (BarcellArtes)

As literaturas contemporâneas abordam temas instigantes e complexos, refletindo a realidade e as preocupações do nosso tempo. Entre os temas mais relevantes, destacam-se a diversidade e inclusão, as questões sociais e políticas, a memória e a identidade, o meio ambiente e a tecnologia, além da exploração da experiência humana em um mundo globalizado e em constante transformação. Urge adotarmos a leitura de autores contemporâneos também em nossas práticas pedagógicas da Educação Básica à Superior. A seguir, alguns aspectos:

- diversidade e inclusão: as literaturas contemporâneas buscam representar e dar voz a diferentes grupos sociais, como pessoas de cores, grupos LGBTQIA+, pessoas com deficiência, entre outros, promovendo a representatividade e a inclusão. Sugestão de leitura: SHARLENE SERRA (@sharleneserra). Idealizadora do projeto Geração de escritores. Autora da Coleção Incluir, composta por estes 05 livros cuja proposta é de crianças sem deficiência conhecerem e aprenderem a conviver com as diferenças: OLHANDO COM RITINHA: abordagem para a DEFICIÊNCIA VISUAL. OUVINDO COM VITÓRIA: abordagem para a DEFICIÊNCIA AUDITIVA. CAMINHANDO COM PAULO: abordagem para DEFICIÊNCIA FÍSICA. APRENDENDO COM BIEL: abordagem sobre DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. E INTERAGINDO COM LUCAS - abordagem sobre AUTISMO (TEA). Devido a sua luta em prol de uma literatura inclusiva, 06 de abril é o Dia Municipal da Literatura Inclusiva. Instituído pela Lei nº 6.398/2018, de autoria da vereadora Concita Pinto. Segundo Sharlene Serra, esta data "celebra não apenas o pioneirismo na literatura inclusiva em São Luís do Maranhão, mas também reforça a importância da acessibilidade atitudinal na literatura — quebrando barreiras e promovendo empatia, representatividade e inclusão. Mais do que adaptar textos, a literatura inclusiva transforma vidas, convidando a sociedade a enxergar o outro nas suas mais diversas condições. Uma homenagem para evidenciar através da literatura que todas as vozes merecem ser lidas, ouvidas e valorizadas". Viva a literatura inclusiva!!!

E alguns exemplos de romances brasileiros contemporâneos que abordam a questão do negro incluem "Um defeito de cor", de Ana Maria Gonçalves; "Becos da memória", de Conceição Evaristo e "Olhos d'Água", de Conceição Evaristo. - memória e identidade: as literaturas exploram a memória individual e coletiva, a construção da identidade em um mundo globalizado e a busca por um lugar de pertencimento. Exemplos: Porakê Munduruku é um mombe'usara, um contador de histórias e estórias, pesquisador, escritor, roteirista e educador popular. A obra *Imuê'en* - por um estar no mundo originário é uma miscelânea de 12 ensaios e 6 poemas que registram as dores, angústias, entendimentos e esperanças do autor ao longo de sua jornada de retomada de seu pertencimento étnico-racial como uma pessoa indígena sobrevivendo na periferia de uma das maiores metrópoles da Amazônia.

Milton Hatoum: escritor conhecido por abordar a identidade cultural e as questões sociais nas suas obras, particularmente nas narrativas que retratam a vida na Amazônia e as relações entre diferentes culturas e grupos sociais. Nas "Dois Irmãos" e "Relato de um Certo Oriente", são exploradas a identidade cultural através da relação entre famílias de ascendência libanesa e a cultura amazônica, destacando a fusão e o conflito entre diferentes heranças.

E "Calidoscópio", de Ruth Guimarães (uma das primeiras mulheres negras a ter um romance publicado) sobre a figura universal do pícaro que, em terras brasileiras, conhecido como Pedro Malasartes. Durante mais de 30 anos, a autora recolheu a tradição oral junto a pessoas simples, do povo da roça e das cidades pequenas.

- meio Ambiente e sustentabilidade: a crescente preocupação com o meio ambiente e a crise climática tem sido refletida nas literaturas, com obras que abordam a degradação ambiental e a importância da sustentabilidade. Como a de Ailton Krenak: "Ideias para Adiar o Fim do Mundo" que traz uma perspectiva indígena sobre a crise ambiental e a necessidade de um novo pensamento para a relação entre homem e natureza.

- tecnologia e sociedade: o impacto da tecnologia na sociedade, como a inteligência artificial, a vigilância digital e as redes sociais, são temas recorrentes nas literaturas contemporâneas. Dica de leitura não literária: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: A NOVA COLÔNIA, da pesquisadora Carmem Teresa Elias.

- desconstrução de narrativas: as literaturas contemporâneas desafiam as narrativas tradicionais e busca novas formas de contar histórias, utilizando linguagens experimentais e estruturas narrativas não lineares. Por exemplo: Valter Hugo Mãe em "A Desumanização" que explora a memória e a identidade dos personagens Einar e Halla, que são afetados por um trauma passado. A partir de sua função de registro de acontecimentos e emoções, a memória é apresentada como uma força destruidora ou construtora, que pode levar à desumanização ou à reconstrução da identidade.

- questionamento de autoridades e poder: frequentemente, as literaturas contemporâneas questionam as autoridades e as estruturas de poder, buscando uma maior justiça social e política. Como "Ainda Estou Aqui", de Marcelo Rubens Paiva, é um romance autobiográfico que conta a história da família Paiva, particularmente a da mãe do autor, Eunice Paiva, e o impacto da ditadura militar brasileira. O livro aborda a prisão, tortura e morte de Rubens Paiva, pai do autor, e a luta de Eunice para encontrar a verdade e cuidar dos filhos após a morte do marido. A narrativa também explora o diagnóstico de Alzheimer de Eunice e a complexidade das memórias e da história familiar.

- reflexão sobre a condição humana: as literaturas exploram as emoções, os pensamentos e as experiências humanas em um mundo complexo e em constante mudança. Exemplos de autores e obras: "Olhos d'Água", de Conceição Evaristo; "Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios", de Marçal Aquino; "A Vida Invisível de Eurídice Gusmão", de Martha Batalha; e "Cancún", de Miguel del Castillo. Esses romances exploram temas como a experiência da mulher negra no Brasil, a complexidade das relações familiares, a busca por sentido na vida e a reflexão sobre a morte. ---E, na poesia, especificamente, na vertente literária da Poesia Visual, vertente datada de 300 a.C, ganhou impulso a partir das vanguardas estéticas como movimento artístico do século passado. A Poesia Concreta, parte desse movimento, de forma singular promoveu a ruptura da tradição artística pelas inovações estéticas com uma linguagem poética inaugural de sólida base teórica e de procedimentos planificados, visuais e sintéticos. Apropriou-se de princípios estéticos de diversas tendências artísticas, teorias, autores e obras e desdobrado em poema-processo e a videopoesia, definindo a poesia visual contemporânea. Por exemplo: a obra de Jairo Fará, Juliano Lobato Evangelista, Karlos Chapul, Tchello d'Barros e Vasco Daniel Mahumane está pautada pela visualidade e tecnologia, a fim de suscitar questões referentes à metalinguagem, intertextualidade e intersemioticidade, compondo uma multiplicidade de relações, de uma polissemia poética vitorizada a uma abstração plástica da palavra, numa relação de procedimentos contemporâneos Pós-Modernos. Assim, a partir do uso das linguagens: verbal (escrita) e não verbal (imagens) e sua fusão semissimbólica, forma-se um novo código: a Poesia Visual. A poesia vinculada a elementos imagéticos compõe uma estética híbrida própria de uma parte da produção literária contemporânea. A visualidade, como elemento semiótico constitutivo do poema, suscita aos leitores novos caminhos interpretativos. Quanto às propostas pedagógicas, propomos o processo da retextualização, cuja definição é a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base (MARCUSCHI, 2001) das poesias visuais. Esta definida como "pode-se entender toda espécie de poesia ou texto que utiliza elementos gráficos para se somar às palavras, em qualquer época da história e em qualquer lugar" (1998, p.14). Esta atividade é realizada em uma escola de Ensino Médio (NAVE - RJ) com alunos do 3º ano. As etapas são: primeiro: apresentação dos poemas visuais, análises em conjunto. Segundo, cada dupla sorteia um poema visual para analisar. E a última etapa é a

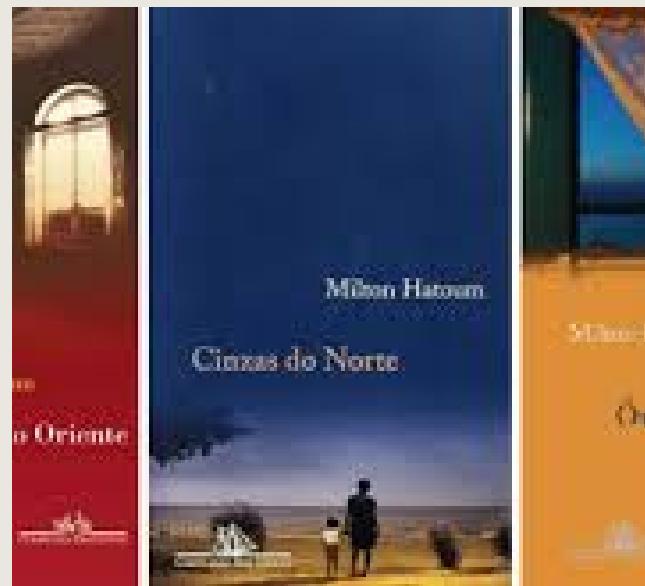


Foto: Divulgação

retextualização. O resultado: os estudantes conseguem articular seus conhecimentos sobre os movimentos literários sobretudo Simbolismo e Vanguardas europeias e, ao mesmo tempo, expressam suas subjetividades ao elaborarem um outro gênero textual. Dessa forma, constatamos o quão esta vertente literária motiva e os sentidos impressos nos poemas visuais analisados.

Este ano, organizei um ebook com 56 poetas de expressão de Língua Portuguesa contemporâneos (disponível gratuitamente em <https://bit.ly/4dYXPHt>) cujo objetivo é difundir este tipo de poesia (os meios transitáveis e os processos pelos quais a linguagem poética se desdobra) e divulgar a (o)s poetas atuais. Principalmente, as mulheres (Ana Caetano, Ana Aly, Celina Cassal Josetti, CAN (Celina Almeida Neves), Elaine Pauvolid, Emilia Mendes, Regina Maria da Motta Vater, Regina Pouchain, Rita Balduino, Sharlene Serra e Suely Farhi) ainda apagadas muitas vezes.

Devemos não só ler os clássicos mas também os contemporâneos e valorizar os autores ainda em vida. Não reproduzamos o que foi feito ao longo da história: só pós-morte o reconhecimento. Lutemos pelo espaço de nossas literaturas contemporâneas!!!

Renata Barcellos – professora NAVE RJ e pesquisadora de Literaturas.

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA) NA EDUCAÇÃO: O FUTURO QUE JÁ COMEÇOU NAS SALAS DE AULA BRASILEIRAS

Denilson Marques dos Santos

Em um mundo cada vez mais conectado, veloz e interativo, a Inteligência Artificial (IA) deixa de ser tema exclusivo da ficção científica e se torna presença real em um dos espaços mais fundamentais da nossa sociedade: a escola. No Brasil, esta transformação está em curso e promete reconfigurar o jeito de ensinar, aprender e construir conhecimento (Rodrigues; Rodrigues, 2023, p. 67).

Nessa perspectiva, temos o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (2024-2028), intitulado “IA para o Bem de Todos”, em que se apresenta a necessidade de regulamentação articulada às demandas econômicas e sociais, com foco na educação, pesquisa, inovação, governança e proteção de direitos pautados na ética e na moral.

Mas o que, afinal, é a IA na educação?

Imagine um sistema capaz de entender o ritmo de cada estudante, identificar suas dificuldades específicas e oferecer conteúdos personalizados. Ou uma plataforma que auxilia professores e professoras com relatórios automatizados, propondo metodologias de acordo com os desafios da turma. Tudo isso já é possível e está sendo testado, adaptado e implementado em escolas públicas e privadas de norte a sul do país, como nos seguintes estados brasileiros: No Ceará, onde as escolas públicas usam IA para mapear defasagens de leitura nos anos iniciais; Em São Paulo, cuja Rede Estadual de Ensino está testando plataformas de recomendação de conteúdos personalizados e no Pará, onde, por iniciativa do Governo Estadual, foram implementados projetos-piloto em comunidades ribeirinhas com aplicativos de aprendizagem offline com IA integrada.



Denilson Marques

Ferramenta, não substituta ao fazer docente

Apesar dos mitos, a IA não veio para substituir docentes, mas para potencializar a ação pedagógica. Professores continuam sendo mediadores essenciais, agora com um leque de recursos tecnológicos mais amplo, que possibilita a criação de ambientes mais inclusivos, interativos e eficazes. Porém, a presença da IA também nos desafia a pensar em uma nova alfabetização: o letramento digital crítico. Mais do que dominar ferramentas, o alunado precisa compreender os impactos éticos, sociais e culturais dessas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's) em sua vida cotidiana. Destarte, o estudante do século XXI precisa aprender a pensar com, sobre e além dos programas e das máquinas digitais.

O futuro é agora e é coletivo

A IA pode ser sim uma aliada poderosa na transformação educacional se aplicada com consciência social e sensibilidade pedagógica. Mas para isso, deve estar a serviço da equidade, da justiça social e da valorização dos saberes locais. É preciso imaginar um futuro em que a tecnologia fortaleça a autonomia dos povos, em vez de substituí-la. E é nisso que muitas escolas brasileiras têm apostado, ou seja, na inovação com propósito e na tecnologia com humanidade.

REFERÊNCIAS:

RODRIGUES, Karoline Santos; RODRIGUES, Olira Saraiva. A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT. Texto Livre, Belo Horizonte (MG), v. 16, p. e45997, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/45997>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Denilson Marques dos Santos - Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA); Graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA/Polo FAP); Professor e Pesquisador vinculado a Secretaria Executiva de Educação (SEDUC-PA) e Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Ananindeua/PA) ministrando as disciplinas Filosofia e Ciências da Religião! dede_cecilia@yahoo.com.br | Belém-Pará-Brasil

PRÓXIMA EDIÇÃO

REVISTA 

Volume 06 . Número 18 . Janeiro/Fevereiro de 2026



A poesia de Gilberto Gil e o humor inteligente de Luis Fernando Veríssimo

ISSN: 2965-6192



2965 - 61920005

POESIAS - CONTOS - CRÔNICAS - MÚSICA E ARTES VISUAIS

AGENDA

CULTURAL

Sábado
Dia 8 de novembro
de 2025, às 9h
Estacionamento grátis



ALBERTO PERDIGÃO

LANÇAMENTO
do livro
BELCHIOR:
a construção
de um mito
na literatura
de cordel.

Apoio:



Realização:

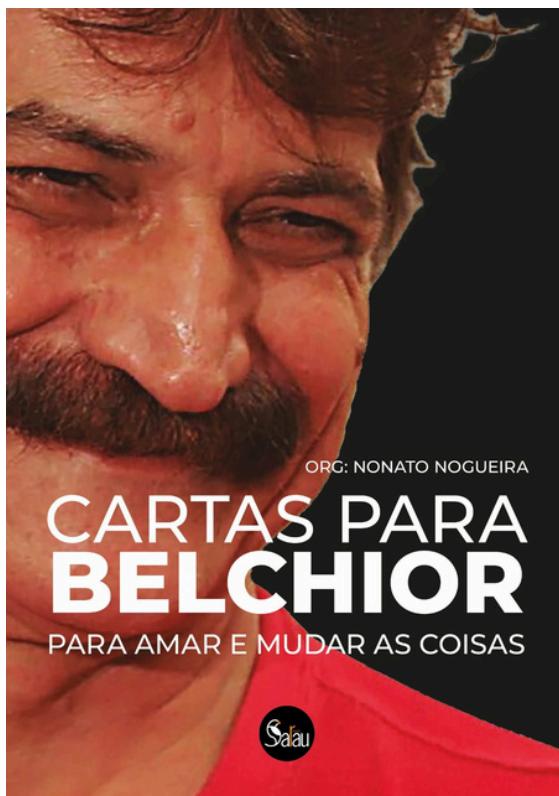


Av. da Universidade, 2346- Benfica - Fortaleza

Saígu na
ADUFC

MÚSICA
POESIA
FEIRA DE LIVROS
E CORDEL

LANÇAMENTO



ORG: NONATO NOGUEIRA
CARTAS PARA
BELCHIOR
PARA AMAR E MUDAR AS COISAS



O Teatro Chico Anysio

Apresenta
“JORGE MELLO,
o maior parceiro
DE BELCHIOR
canta e conta”

16 de
Dezembro
de 2025,
às 19h30min

ORGANIZAÇÃO: Nonato Nogueira e Djacyr de Souza



Av. da Universidade, 2175 - Benfica - Fortaleza

Apoio:

